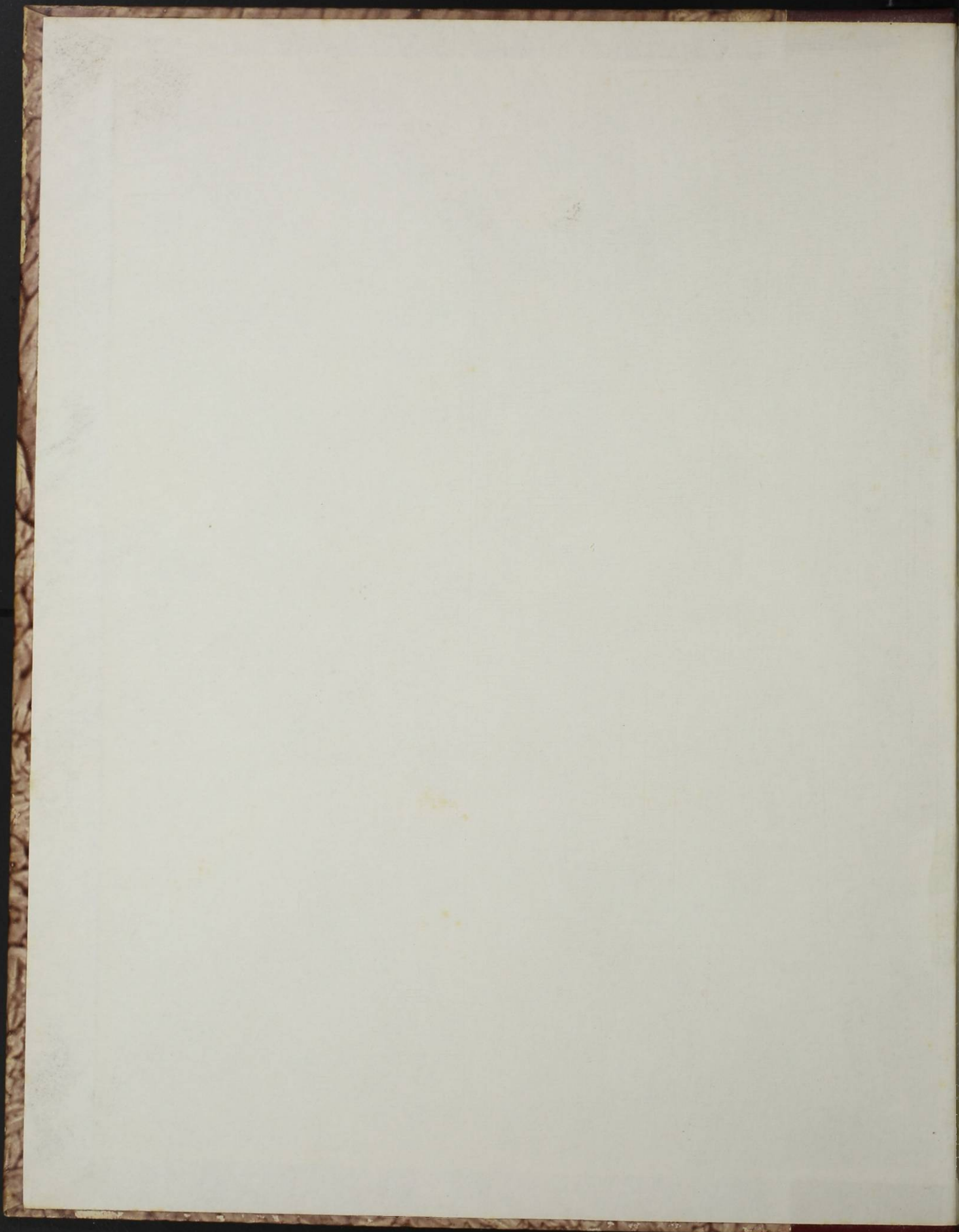
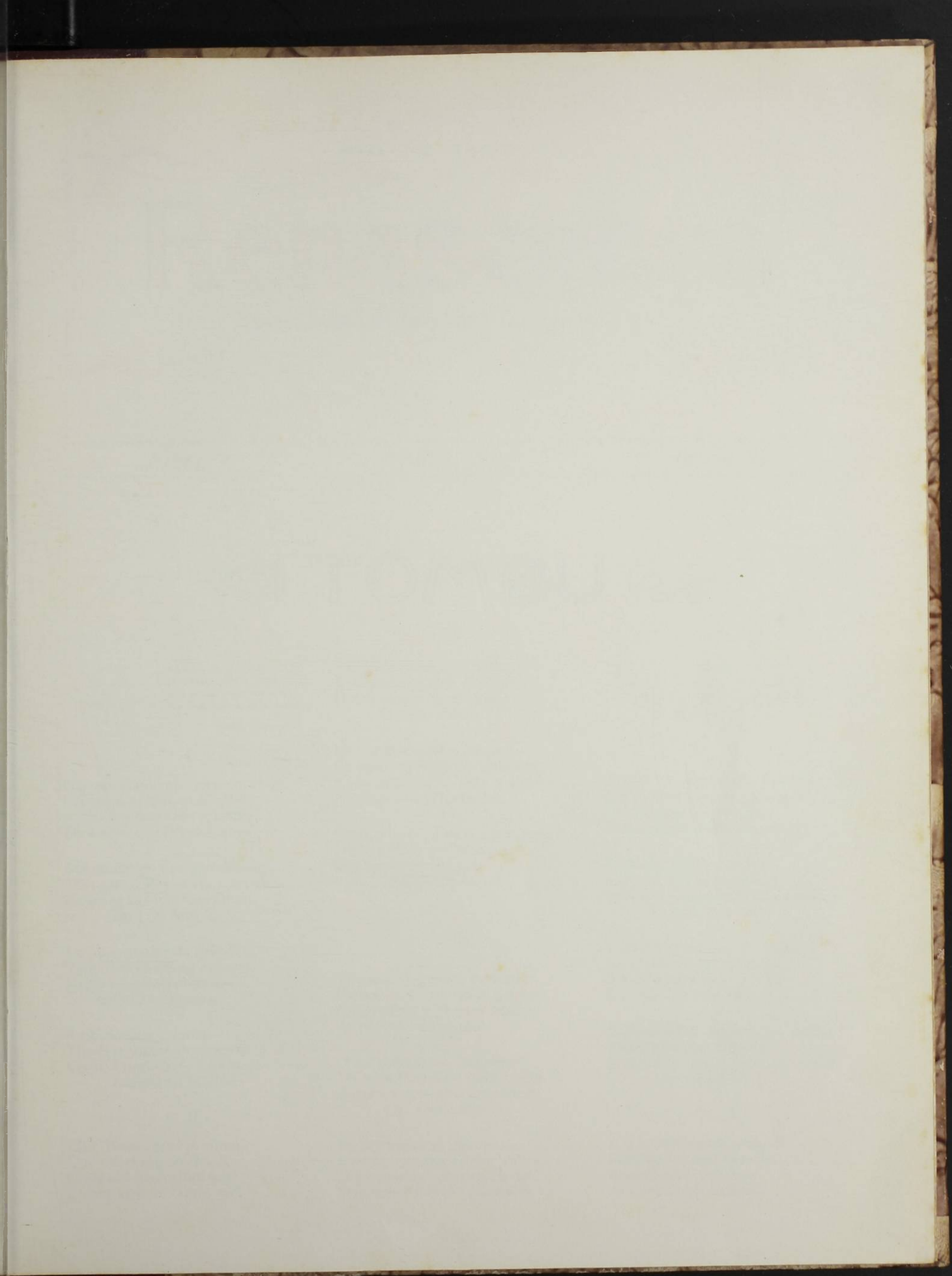
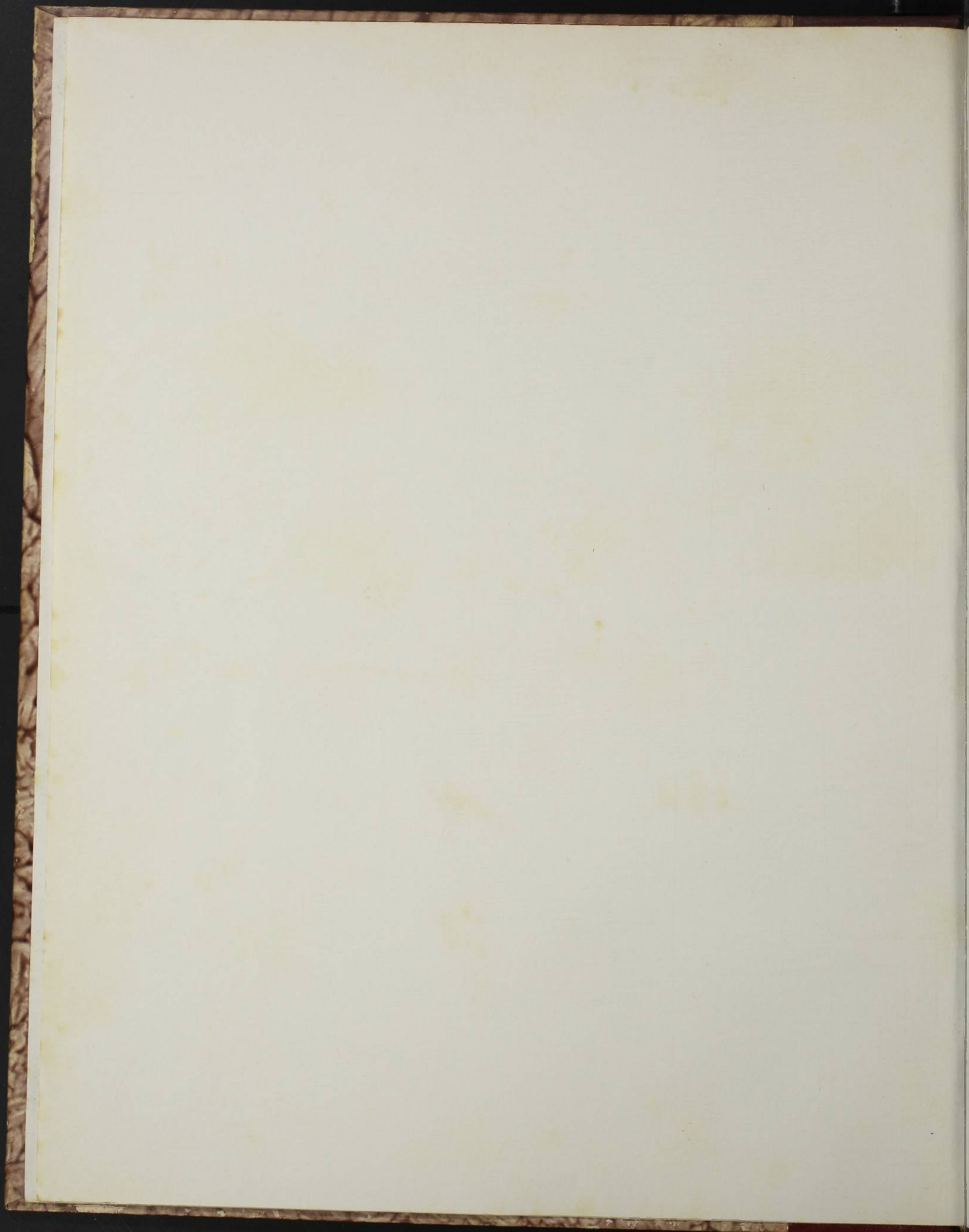










1
RIO DE JANEIRO

Renascença

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-Proprietarios

E. BEVILACQUA & C.
Rua do Ouvidor, 151.

Diretores:

RODRIGO OCTAVIO
HENRIQUE BERNARDELLI

Anno V

ABRIL 1908

Núm. 50

|| TOMBU ||

Em traje de cerimonia,
O'! Musa, sobe ao Parnaso
Pois eu vou contar um caso
Dos bons tempos da Colonia.

Artiur Azevedo

I

Não me condemne alguém, antes
Perdoe o assumpto serodio:
E' um commovente episodio
Do tempo dos Bandeirantes.

Foi no tempo das guerrilhas,
"Em que o Reyno era Christão."
Como se diz nas "Sextilhas
De Frei Antão"

Em que, apesar da grandeza,
Todo este immenso colosso,
Vagia em pleno alvoroço,
Nas faixas da natureza.

Ambicionada creança,
Tirava o somno do mundo...
Verde á flor - todo Esperança!
E ouro no fundo!

II

Eis o Brasil, pois já viram,
Que me refiro ao Brasil,
Onde mil náus affluiram
E naufragaram outras mil.

Não pára a immensa cubiça
Nem pode escapar de certo,
Quem mostra na crúa liça
O peito aberto.

Eil-o tomado, eil-o cheio...
Rasga-lhe o ferro as entranhas,
E elle sem queixa abre o seio
A tantas gentes extranhas.

Onde o ouro? Onde a fina prata?
Onde a chave do Thesouro?...
Eis, lavado na cascata,
Fulgindo o ouro!

III

Viram-n'o os olhos pasmados,
Palmaram-n'o as mãos ardentes,
E incendem peitos em brados,
As pepitas innocentes.

O ouro rutila!... Na areia
Da agua limpida o ouro brilha...
A agua, entre ouro serpenteia...
Que maravilha!...

Eis formadas as Bandeiras.
Eis, por montes, eis por valles,
Sem paradas, sem cancelas,
Sem temer febres nem males,

A lucta... No fundo rio
O ouro... Do monte nas fraldas,
Dormem no verde sombrio
As esmeraldas...

IV

Avante!... Embalde a floresta
Oppõe-lhes troncos e lianas...
Os corações vão em festa,
Cream forças sobrehumanas!

Embalde resiste a terra,
Mas, ai! que já foi ferida...
O ouro é o sangue desta guerra,
O ouro tem vida!

E eil-o nas pedras, nas aguas,
No cascão preso, luzindo...
Retine o ferro nas fraguas,
E o ouro caindo, caindo...

Mais ouro! Mais ouro!... Agora
Trabalham dias inteiros
Sem noites, que o ouro é a aurora
Dos garimpeiros!

V

E, a terra cavando gritam,
Pois, no seu seio trementes,
Agazalhadas, palpitam
As esmeraldas ardentes.

Renascença

Ha de em breve a luz feril-as,
E o solo ha de em tal momento
Parecer todo scintillas :
Um firmamento !

E a matta bruta ouve os brados
Dos robles, tombando á lucta,
Ao som cavo dos machados...
Entrega-se a matta bruta...

Entrae, Bandeiras !... São brandas
As riquezas brasileiras...
Venham mais bandas, mais bandas...
Entrae, Bandeiras !...

VI

Bem longe desse bulicio,
Mettidos nos seus sertões,
Os indios, no seu officio,
Comiam, sem sacrificio,
Cavalleiros e villões.

Suas, abriam-se as terras,
Corriam-lhes seus, os rios,
Eram seus, valles e serras...
Porém viviam em guerras,
Devorando-se, bravios.

Ai! de quem se tresmalhasse
Por aquellas profundezas!
Ai! do sangue que cheirasse
D'algun *branco*, que buscasse
Naquellas selvas emprezas!

Sempre em peleja vivendo
Aquellas *nações* guerreiras,
Só outras *nações* temendo,
Eis que as colhem o tremendo
Cerco e choque das Bandeiras!

Da entrepreza revoltadas
Luctam annos, são bravias
E heroicas, mas extenuadas,
Depõe armas, abrandadas
A's vozes de Fernão Dias.

Já não existe o valente
Gravatahy... Sem conforto,
Foi assim, que aquella gente
Se entregou humildemente...
O seu guerreiro era morto !...

VII

A' força vence a brandura...
E ouvindo a voz do guerreiro
Vencedor: "Que os não turtura..."

São já todos um cordeiro.
"Não quer o *branco*, hoje amigo,
Mettel-os em captiveiro..."

Vinde commigo, commigo...
Diz sempre a voz: "a peleja
Finda, findou sem castigo.

Irmãos, irmão nenhum veja
Seu irmão fóra do gremio
Do Deus unico da Igreja.

O meu Deus, o mundo teme-o.
Não quer os máus, e, na morte,
Dá aos bons o justo premio.

Elle não quer o mais forte,
Quer o que preza a bondade,
E é digno de boa sorte...

Olhae para a immensidade
Vende os bons no céu luzindo...
Ouvide a voz da verdade.

Assim heis de ser, cumprindo
O que vos digo. Ao meu lado,
Sempre os meus mandos seguindo,

Trabalhareis sem cuidado,
Tereis todos a abastança...
E o meu Deus, de vós amado,

Dar-vos-á força e confiança,
Sereis felizes na terra
Onde só o corpo descansa.

Morto, o que morre na guerra,
Pelo mal no mesmo instante
Em que seu corpo se enterra,

Tem o demonio deante
Que os leva para a fogueira,
Tão distante, tão distante,

Que — nunca mais!... companheira
Nem pae nem mãe nem amigo
Ha de ver na *vida* inteira...

Aquelles que vem commigo,
Todos no céu entrarão...
De Deus no sereno abrigo,
De novo se reunirão..."

VIII

A voz do fidalgo escutam...
Guardando os conselhos seus,
Embebidos; não reluctam :
Entregam-se á lei de Deus.

Baptisados tem agora
Os nossos nomes christãos.
Os inimigos de outr'ora,
Graças a Deus! são irmãos.

IX

Só um ficou sem baptismo.
Não quiz "um Deus que perdoava,
Um Deus que no fundo abysmo
Os infieis não lançava".

Queria um Deus vingativo
Um Deus violento, um Deus crú,
Castigando o crime vivo !...
Este, era o chefe Tombú!

X

Mas... A historia chega ao termo.
Tombú, sempre taciturno,
Caindo de morto, enfermo,
Baptisou-se por seu turno.

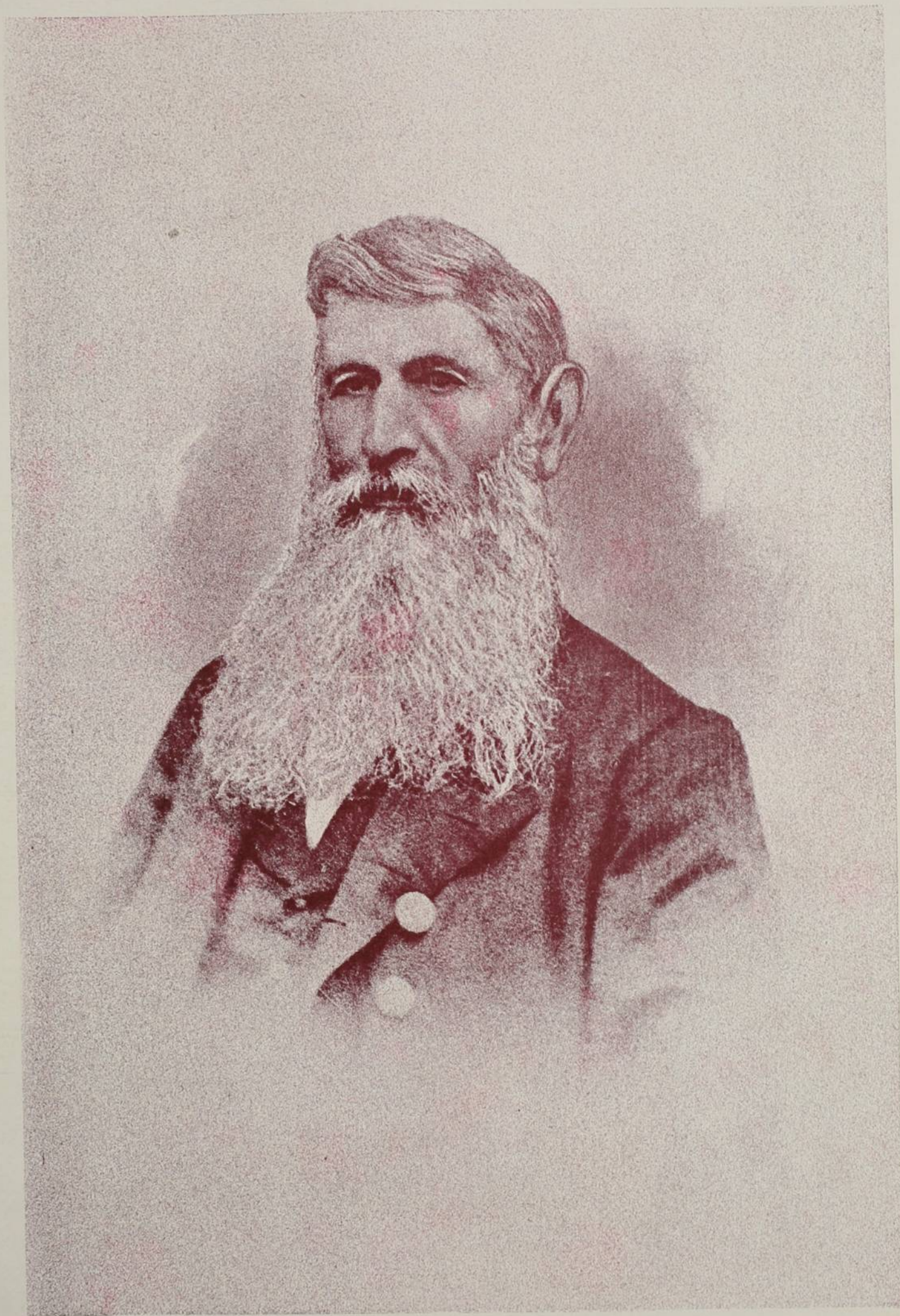
Era já velho alquebrado...
Dos seus, bem poucos viviam...
E, vendo-se abandonado
Das forças, que lhe fugiam,

Perdendo todos no mundo,
Na terra quasi sosinho...
Morto — no abysmo profundo,
Sem *ninguem*... sem um carinho...

"Não!..." disse o velho rendido,
"Não soffrerei como um réu!..
Basta o que tenho soffrido...
S'tão todos os meus no céu?

Quero o baptismo que reune...
Disse em gestos derradeiros.
E, de peccados imune,
Foi para os seus companheiros...

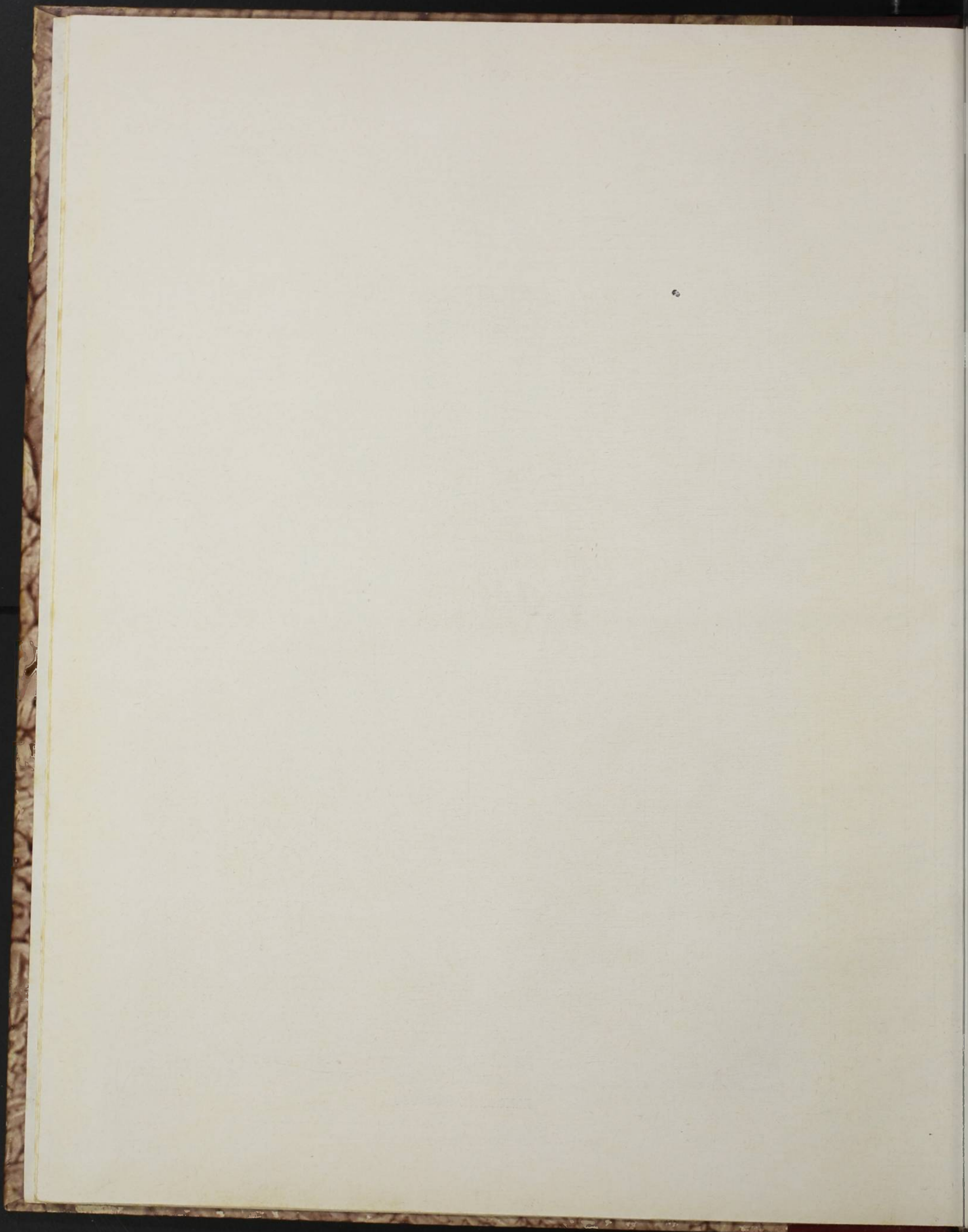
Guimarães Passos



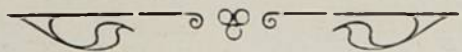
ALMIRANTE BARROSO

AO TEMPO DA BATALHA DO RIACHUELO
(DE UMA PHOTOGRAPHIA PERTENCENTE AO ALMIRANTE JACQUAY)

Renascença



Barroso e Saldanha



FELIZMENTE o apaziguamento veio cedo aos espiritos. A grande obra de Prudente de Moraes fructificou. As paixões se acalmaram e o corpo do Almirante Saldanha da Gama poudo ser transportado do campo onde ha 13 annos o foi alcançar a desgraça e a morte.

Para com o Almirante Barroso era grande a divida da Patria.

Fallecido em Montevideo, quando ali fôra em 1882, visitar seus filhos e netos, permaneceu por espaço de 26 annos em terra estranha.

Para ambos soou o momento de ser resgatada uma divida de gratidão. Os assigna-



Almirante Barroso

PHOT.
PACHECO

lados serviços que prestaram á Patria, na paz como na guerra, esquecido, com grande generosidade, o que em relação a Saldanha pôde ser considerado como uma aventura funesta, mereceram que os seus despojos mortaes fossem piedosamente recolhidos e trazidos para que dormissem o somno eterno no coração do paiz.

Na tarde de 21 de Abril corrente entrou a bahia a esquadra de evoluções a que vinha incorporada o cruzador *Barroso* em cujo bordo haviam sido recolhidos os funebres despojos.

Já em Montevideo, em cujo cemiterio jaziam os ossos de Barroso e para onde fôra trazido o corpo de Saldanha, proce-



O oscaler que transportou os restos mortaes dos dous almirantes chegando ao Arsenal de Marinha

Renascença

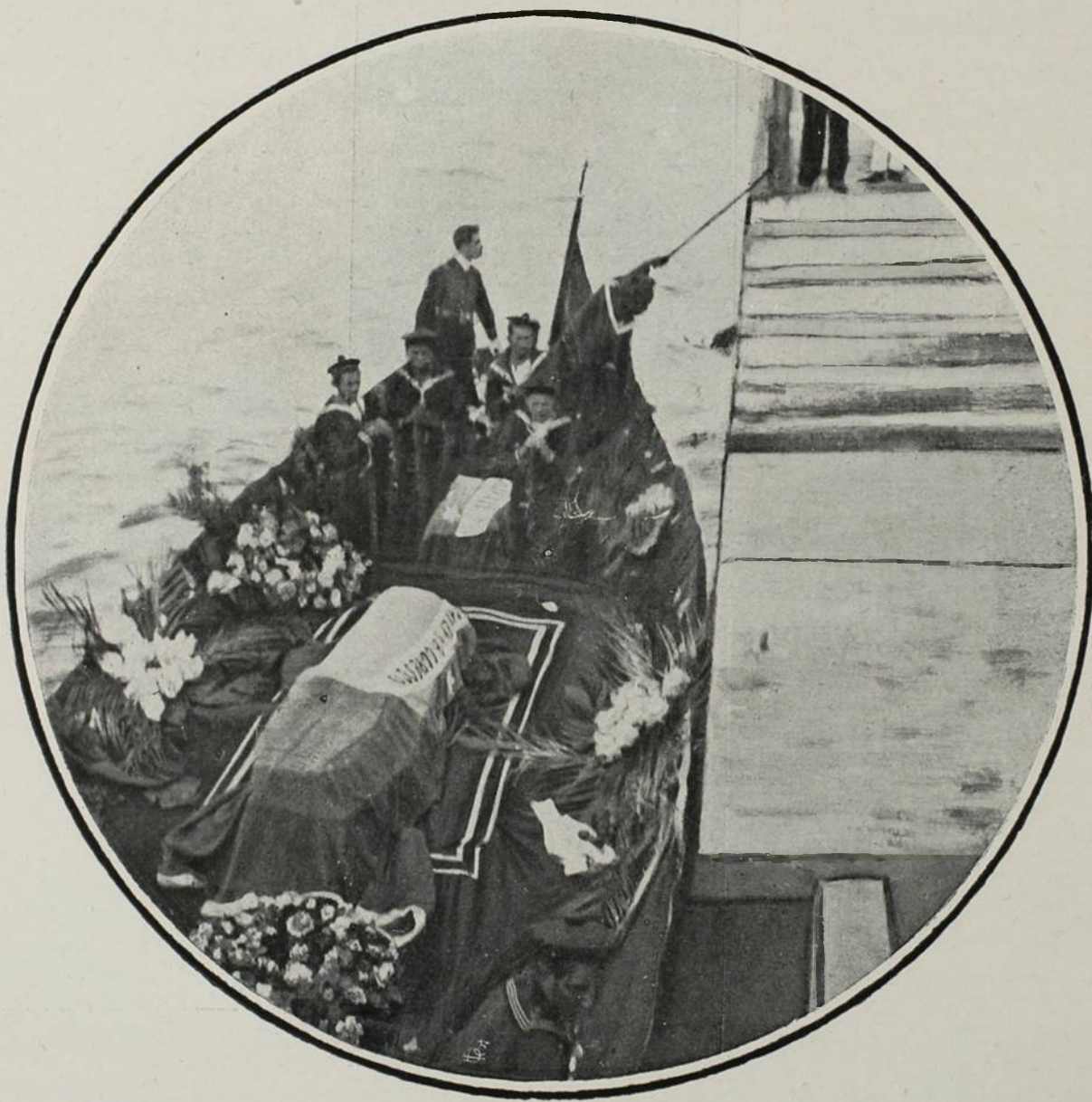
dente de Rivera, onde houvera sido inhumado e que fôra encontrado em estado de mumificação, havia o governo da nação amiga prestado as honras devidas ás patentes dos mortos illustres.

Nesta Capital foram os despojos trazidos de bordo para o Arsenal de Marinha, de onde no dia 23, com as solemnidades da pragmatica, foram transportados: os de Barroso, para

Damos em seguida alguns traços biographicos dos dois illustres almirantes.

BARROSO

O legendario Barão do Amazonas, o Almirante Manuel Barroso da Silva, era filho de Lisboa, nasceu no Chiado, no dia 29 de Setembro de 1804. A casa onde viu a luz está desde alguns



O escalet com os despojos dos dois almirantes atracando ao Arsenal de Marinha

a Igreja da Cruz dos Militares, onde a preciosa urna que os encerra aguardará a terminação da base do monumento que vae perpetuar as glorias do heroe do Riachuelo e lhe guardar perpetuamente os ossos, e os de Saldanha da Gama para o cemiterio de S. João Baptista, onde foram sepultados.

annos assignalada com uma placa de marmore commemorativa.

Muito criança, veio para o Brasil, acompanhando seu pae, Capitão de artilharia de marinha commandante de uma das baterias da não que trouxe D. João VI.

Depois de algum tempo nesta Capital, Barroso regressou a Portugal, matriculando-se no

Renascença

Collegio Militar de Lisboa, onde tirou todo o curso preparatorio com brilhantismo e talento, revelando, desde logo, uma profunda inclinação para a carreira das armas.

Concluido o seu curso, veio novamente para o Rio e aqui assentou praça na companhia de aspirantes a guarda marinha, cursando todas as aulas, até chegar ao primeiro posto em que permaneceu durante cinco annos.

Como 1º tenente tomou parte saliente na sanguinolenta repressão aos cabanos do Pará, alcançando alli a promoção a Capitão-Tenente por actos de bravura.

Tendo commandado depois diferentes unidades da nossa flotilha, fez, commandando a corveta *Bahiana*, uma viagem de instrucção ao Pacifico.

Quando se declarou a guerra do Paraguay,



Desembarque da urna contendo os despojos do Almirante Barroso

O seu longo cexercicio na brilhante carreira que empreendeu começou a assignalar-se por feitos heroicos e gloriosos na campanha de Cisplatina, nos annos de 1825 a 1828, durante a qual chegou a commandar diversas embarcações prisioneiras, sendo louvado differentes vezes pelo heroismo e sangue frio com que se portou nessa lucta.

Barroso achava-se no Rio da Prata, passando a commandar uma das divisões da esquadra, que, sob o commando do Almirante Tamandaré, foi a Montevideo no inicio da guerra, chegando a ser chefe do estado-maior daquelle valoroso Almirante.

Depois foi Barroso incumbido de assumir o commando da esquadra que devia operar contra

Renascença

o inimigo, iniciando o bloqueio da Republica adversaria.

Entre os grandes combates em que o denodado official tomou parte avultam os da passagem do Riachuelo, de Mercedes e de Cuevas.

No primeiro, como é sabido, Barroso commandava a *Amazonas*, em cujo mastro fez tremular, em certo momento, os dous signaes, que são o mais eloquente testemunho da sua bravura e

companhia de seu filho Henrique Barroso, negociante em Montevideo, afim de ser ali operado, conseguindo recuperar a vista que muito tempo julgou completamente perdida.

Em principios de Janeiro de 1868, Barroso, já como Almirante, chegou ao Rio de Janeiro, tendo recusado varias vezes o logar de Ministro da Marinha, que lhe fôra offerecido pelo Governo Imperial.



Passagem do cortejo pela rua 1ª de Março

do seu valor: TUDO PELA PATRIA — O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPA O SEU DEVER.

O papel de Barroso neste memoravel feito conquistou para seu nome um logar assignalado na historia do Brazil.

Esse feito de armas é um dos mais notaveis de que se póde ufanar o valor militar brasileiro.

Tempos depois, foi accommettido de grave enfermidade nos olhos, partindo para Paris, em

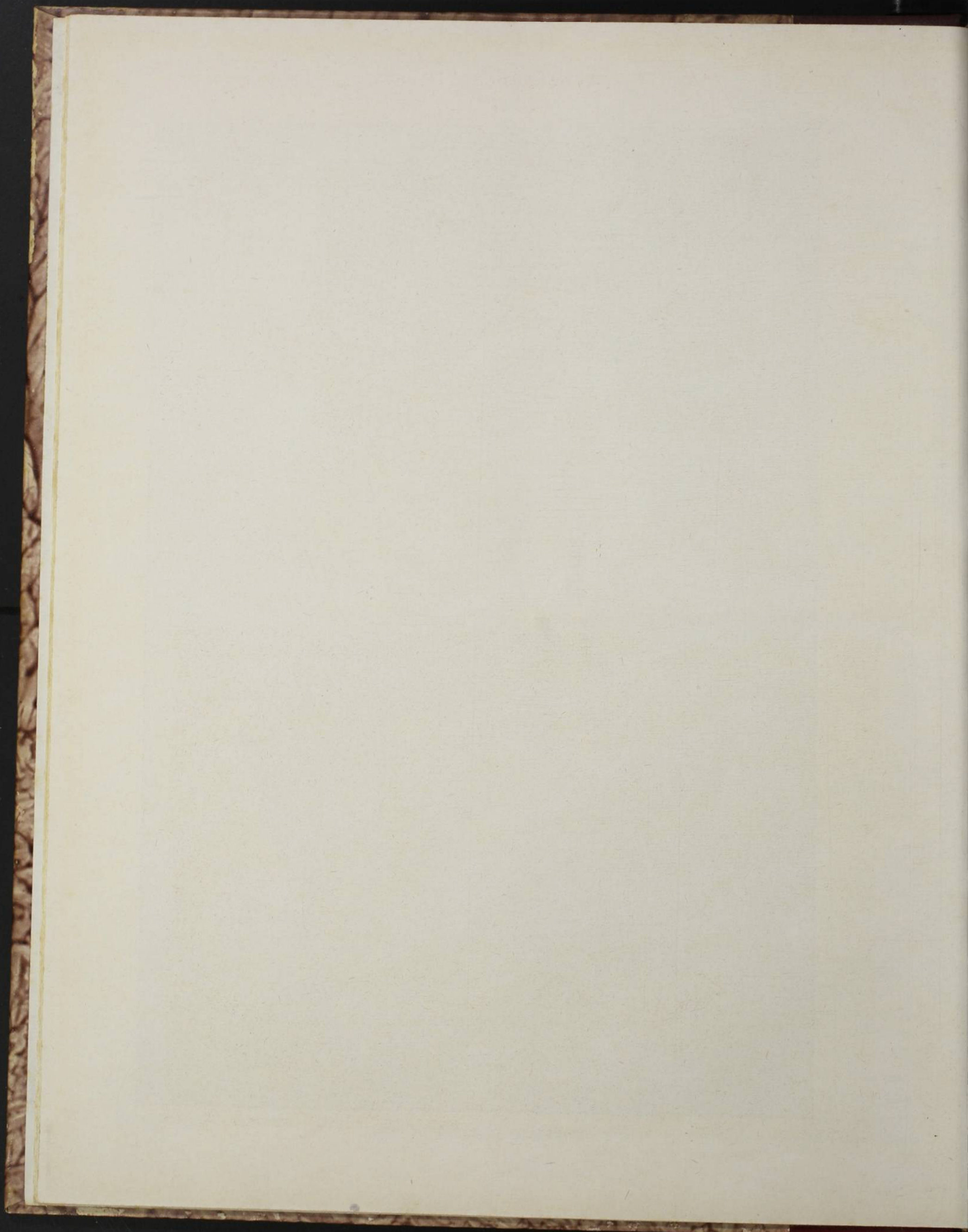
Completamente restabelecido, o Almirante Barroso voltou á Montevideo para visitar os seus netos que ainda não conhecia, morrendo então nessa cidade no dia 8 de Agosto de 1882, na casa n. 111 da Calle Sarandi, sendo sepultado no Cemiterio Central daquela cidade, de onde acabam seus ossos de ser transportados para esta cidade.

Era dignatario e grande dignatario da Ordem



ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA

Renascença



Renascença

da Rosa, cavalleiro de São Bento de Aviz, dignatario do Cruzeiro e viador da Imperatriz.

Estão ainda vivos dous filhos do Almirante Barroso: Izabel de Barroso de Save-dra, residente em Montevideo, e Fernando Alexandri-no Barroso da Sil-va, residente nesta Capital.



Sahida do Arsenal

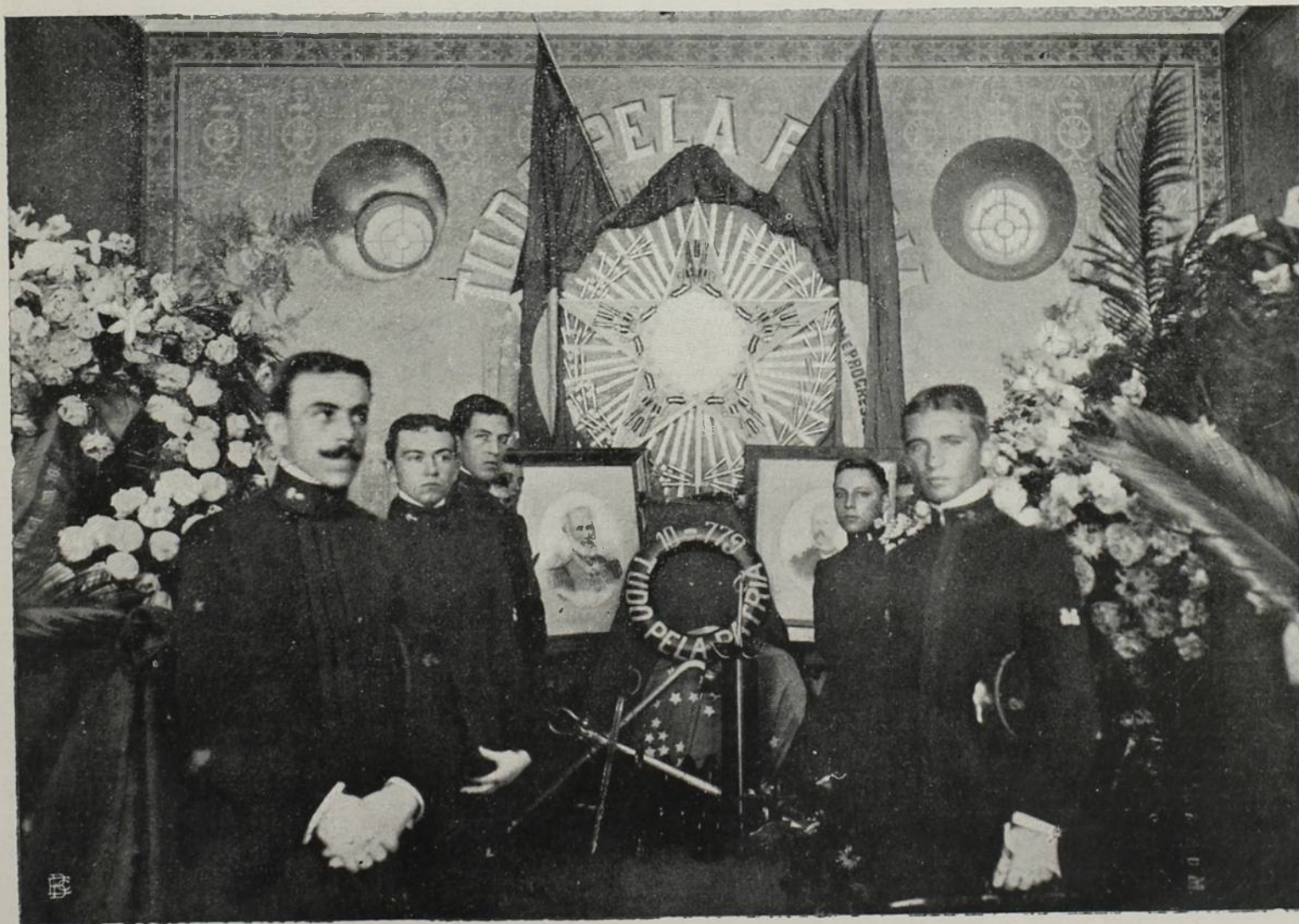
SALDANHA

Luiz Felipe de Saldanha da Gama era filho da cidade de Campos, onde nasceu no dia 7 de Abril de 1846.

Eram seus paes D. José de Saldanha da

danha e Oliveira e Doim, netos do Marquez do Pombal.

Pelo lado materno, o Almirante Saldanha descendia de uma abastada familia de Campos, possuidora de varias propriedades, inclusive da grande fazenda que se denomina do Collegio.



Arsenal do Marinha -- Alumnos da Escola Naval velando os despojos de Barroso e Saldanha

Renascença

Quando contava ainda sete annos de idade, Saldanha da Gama veio para a Côrte, acompanhando seu pae que vinha em procura de melhoras para a saúde; aqui cursou o Collegio de D. Pedro II, de onde sahiu em 1861 para se matricular na Escola de Marinha. Assentou praça como aspirante e sahiu guarda-marinha em 1863.

Como alumno da Escola de Marinha, fez as viagens de instrucção a bordo do *Ypyranga* e da *Januaria*; tendo feito, como guarda-marinha alumno, a da corveta *Bahiana*, durante os nove primeiros mezes de 1864.

Tomada Paysandú, Saldanha regressou para bordo do *Recife* no dia 13 de Janeiro, tendo sido elogiado, em ordem do dia, do commando da esquadra, pelo seu grande valor e gallardia durante os combates.

Partindo, depois, para Buenos Aires, trabalhou com o almirante chefe na organização da esquadra para a guerra do Paraguay e embarcou, nessa occasião, na canhoneira *Tuquary*, da esquadilha Lomba, partindo em seguida para o Alto Uruguay. Tomou parte, depois, no sitio e tomada de Uruguayana, tendo sido novamente



A exposição do corpo embalsamado de Saldanha no Arsenal de Marinha

Foi depois dessa viagem que Saldanha da Gama partiu para a guerra do Uruguay, fazendo parte da guarnição do *Amazonas*. Ao chegar a Montevideo, passou-se, em 24 de Outubro, para o *Recife*, capitanea da esquadra brasileira, fazendo então parte do estado-maior do Almirante Tamandaré.

No assalto de Paysandú, em 4 de Dezembro, Saldanha tomou parte, como porta-estandarte do batalhão de fuzileiros navaes, conseguindo plantar o nosso pavilhão no alto da grande trincheira, depois dos grandes combates de 11 de Dezembro, 1 e 2 de Janeiro.

elogiado em ordem do dia. Já 2º tenente, Saldanha partiu a reunir-se á esquadra em operações no Paraguay. Tomou parte em varios encontros, inclusive no celebre bombardeio ao forte de Coimbra, no dia 17 de Fevereiro de 1867, tendo estado embarcado nos couraçados *Brasil* e *Mariz e Barros*.

Foi então promovido a 1º tenente e elogiado em ordens do dia, por ter tomado parte nos feitos em que o couraçado *Brasil* forçou Curupaity, em 15 de Agosto de 1867, no auxilio que prestou na passagem do Humaytá, na abordagem do *Lima Barros*, em 2 de Março do mesmo anno, por actos de bravura praticados na Lagoa Funda, no Chaco,

Renascença

na península fronteira do Humaytá, e impedindo a fuga dos paraguayos, em canôas.

Por decreto de 2 de Dezembro de 1869 foi promovido a capitão-tenente.

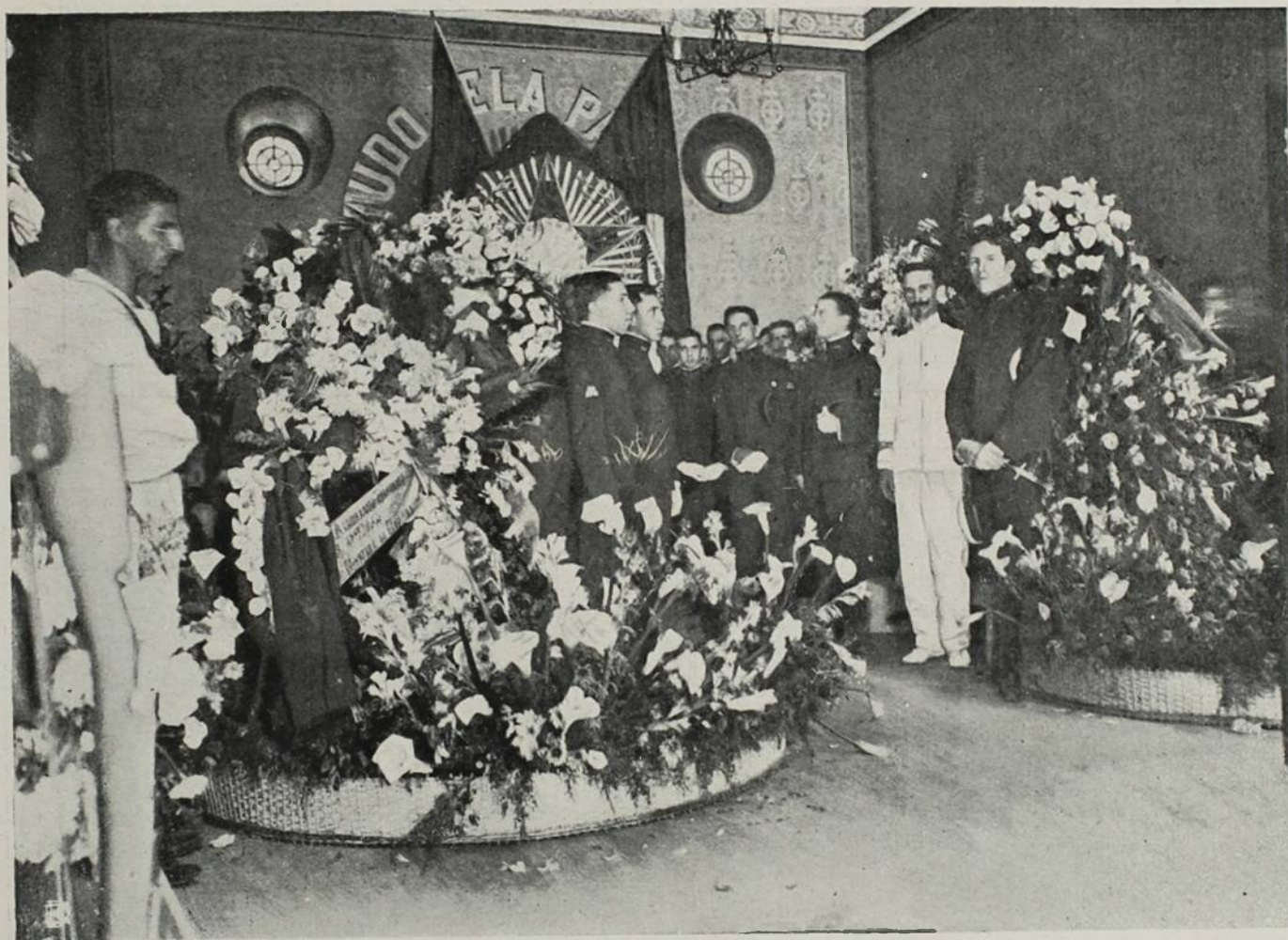
Depois de ter sido instructor a bordo das corvetas *Nichteroy* e *Bilhiana* foi nomeado em 1872, commandante do *Ypiranga*, cargo em que permaneceu até Março do anno seguinte, quando foi designado membro da commissão que representou o Brasil na Exposição de Vienna d'Austria.

Depois de ter feito experiencias a bordo do *Trajano*, indo até Montevideo, Saldanha da Gama

Durante essa longa viagem foi promovido a capitão de fragata, por merecimento.

De regresso, commandou a canhoneira *Parnahyba*, até Abril de 1882, quando partiu para nos representar, ainda, na grande Exposição Continental.

No anno seguinte commandou a *Guanabara*, foi membro effectivo do Conselho Naval e commandante do *Almirante Barroso*, tendo feito, nesse navio, duas viagens de instrucção com aspirantes e guardas-marinha alumnos, das turmas de 1885 e 86.



Os restos de Barroso em exposição no Arsenal de Marinha

acompanhou os engenheiros inglezes no estudo que fizeram para melhamentos dos portos do Brasil.

Terminada essa commissão, commandou o *Araguaya* até 1876, quando em Fevereiro partiu para os Estados Unidos, para nos representar na Expssição de Philadelphia, donde regressou quatro mezes depois.

Em Novembro de 1879, Saldanha partiu desta capital, como secretario do chefe da divisão Silveira da Motta, em missão especial ao Celeste Imperio, regressando em 1881.

Foi, depois, commandante do *Riachuelo*, deixando este commando para ir, mais uma vez, representar o Brasil no Congresso Internacional que se reuniu em Washington, em 1889.

Quando foi proclamada a Republica, Saldanha, estava nos Estados Unidos estudando a organização da Escola de Annapolis, regressou a esta capital, sendo logo depois promovido, por merecimento, a capitão de mar e guerra e no meado para commandar a fortaleza de Willegaignon e o corpo de marinheiros nacionaes.

Foi promovido a contra-almirante em 1892



O prestito desfilando pela Avenida Central



Renascença

passando a accumular o commando da Escola Naval. Foi quando se declarou a revolta de 6 de Setembro; Saldanha conservou-se a principio no posto que lhe confiara o Governo. Posteriormente, porém, envolveu-se no movimento revolucionario de que assumiu o commando. Dirigiu pessoalmente o combate da ilha do Governador, em que foi ferido gravemente o general Telles, e o combate da Armação, em que recebeu dous ferimentos.

Quando Saldanha se viu sem recursos para proseguir na peleja, sendo rejeitada a sua proposta de capitulação, pediu abrigo á bandeira portugueza, com varios officiaes e praças, muitas dellas feridas gravemente, asilando-se na manhã de 13 de Março de 1894 a bordo das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, que partiu deste porto na tarde de 18, com destino a Monte-

vidéo, onde Saldanha desembarcou com alguns dos seus companheiros.

Partiu, depois, para a Europa para convalescer dos seus ferimentos, donde regressou em Agosto trazendo em sua companhia alguns officiaes e aspirantes que tinham seguido presos para Portugal.

No seu regresso ficou Saldanha no Rio Grande do Sul assumindo o commando da revolução federalista, que ainda conflagrava o sul da Republica. Depois de alguns mezes de uma luta desesperada e ingloria viu a morte no dia 24 de Junho de 1895, na batalha de Campo Ozorio, a margem do rio Quarahy.

O contra-almirante Saldanha da Gama era condecorado com a commenda da Rosa e de Christo, era official da ordem de S. Bento de Aviz, e de uma ordem chinesa.



E. B. grav

VELAS DE JANGADEIROS

DO enorme coqueiral as palmas agitadas fortemente no alto, tinham carícias, brincavam ao rispido açoite do nordeste, entrechocando-se e beijando-se numa alegria de felinos precoces.

Quando a rajada era mais forte, as palmas pareciam encolerizadas, e uma, a mais pôdre, rolava de cima no crepitante farfalhar das folhas seccas, como se lhe tocassem fogo.

Na praia da Pajussára, em Maceió, na terra bema-venturada das Alagôas. A areia muito branca dos comoros, onde a quixabeira medra, selvagem de seiva, tinha scintillações, prejudicava a retina. E o mar, muito verde, ferozmente rugia a sua colera, enervado ao embate de todas as suas ondas, em raivas e crueldades.

Alvadios pontos distinguiram-se no horizonte, tomaram vulto, breve deixaram a descoberto as velas das ligeiras jangadas, demandando a terra, rasgando o dorso do oceano...

E quando a primeira, colhido o panno, enterrou a prôa das suas cinco taboas na areia movediça, o Apollonio saltou, as calças levantadas, deixando a nú a musculatura de aço, e quedou mudo de espanto.

— Eu os ensino a todos, mal agradecidos!

Os punhos ameaçaram os comoros, e elle enca-minhou-se a um grupo que descansava sentado á sombra dos pannos que seccavam ao sol.

— Até você, Bastião, não se mexeu p'ra botar a jangada á riba!

O outro levantou-se, num gesto de flagrante des-preocupação, e vagou o olhar, sem fixal-o no Apollonio.

— Até eu, sim. Eu não sou mais seu amigo. O que você fez era p'ra não ficar vivo.

E explicou. Para o alto só haviam seguido o Apol-lonio e as jangadas do povo da Ponta Verde. A gente de cá, de Nossa Senhora da Pajussára, estava sem velas. Quem cortou os pannos, quem os estragou a golpes de faca, só podia ter sido você. E não ha opinião que diga o contrario.

Raios fuzilaram no olhar do Apollonio. Se trou-xesse a faca... Os outros acalmaram, enquanto elle allegava o seu passado, as suas qualidades; não era máo, não faria semelhante coisa.

Do grupo uns quatro homens desceram a ajudal-o, convencidos. Só o Bastião e mais dous amigos segui-ram rumo contrario.

E de um lado e do outro lado sentia-se o desen-cadeiar da tormenta.

★

Numa celeridade de nova triste o facto percorreu os mais escusos reconditos da Pajussára. Numa vibra-ção irritante atravessara todos os sitios da praia, che-gara a todos os ouvidos, 'zombeteiro, perfido, máo. Era assim como se se estivesse fallando mal de uma moça donzella...

Dahi em diante via-se o Apollonio largar cedo para o alto, chegar á tarde, cabisbaixo, sorumbati-co, tremendo o seu olhar ao defrontar o de alguém, como se todos lhe lançassem á cara a vilania que não era delle, que elie daria um pedaço da sua vida para lhe descobrir o autor. E lhe doía n'alma, como se a retalhassem de mil modos, a superioridade com que o provocara o raio do Bastião.

A's vezes, nas immediações da sua cêrca de espi-nhos, tangendo umas cordas afinadas e dolentes, o outro vinha, tarde da noite, alanceal-o com uns remo-ques malevolos e canalhas.

De uma feita o Apollonio demorou a vista sobre a velha lamina de uma faca que tinha pendurada á parede do casebre. Uns lampejos de colera acudiram-lhe ao semblante, inundando-o de gostosa satisfação.

Esteve a sahir. Arrependeu-se, de certo. Longe, a voz do canguleiro perdia-se, numa leve surdina, que a viração trazia mal distincta aos aguçados ouvidos do Apollonio, na versalhada brejeira da brejeira canção:

*«O' que coqueiro tão alto,
O' que coqueiro tão alto,
Com tantos côcos de prata...
Ailô, meu bem!
Com tantos côcos de prata...
Quem me dera beber um,
Quem me dera beber um
Nos braços de quem me mata...
Ailô, meu bem!
Nos braços de quem me mata.»*

— Vinda! fez o Apollonio.

E a curáo levantou-se, estremunhada, o rosto bel-lamente illuminado pela luz da vela de carnaúba, ar-dendo ao pé de uma estampa christã. Mirava-a o rapaz, num extase de supremo anhelos misturado de uma re-passada tristeza.

— Não ouviste?

— Não. O que?

— O Bastião ainda agorinha cantou aqui perto aquella cantiga ordinaria.

A Bemvinda não respondeu. Unicamente o seu olhar cravado no do amante, a este assegurou uma de-dicação infinita.

RIO DE JANEIRO

Renascença

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-Proprietarios

E. DEVILACQUA & C.
Rua do Ouvidor, 151.

Diretores:

RODRIGO OCTAVIO
HENRIQUE BERNARDELLI

Anno V

MAIO 1908

Num. 51

OSORIO

«A guerra é uma das condições do progresso; a vergastada que impede um paiz de enlanguecer, obrigando a mediocridade saciada a sair da sua apathia.

Si a ignorancia, a negligencia, a preguiça e a imprevidencia das nações não as levassem á derrota, fôra difficil avaliar o gráo de aviltamento a que poderia descer a especie humana. O dia em que a humanidade se tornasse um vasto imperio romano pacificado sem inimigos exteriores, seria aquelle em que a moralidade e a intelligencia maiores perigos correriam.

O meu maior desgosto é ver em lucta a minha patria e achar-me em um campo de batalha; e a data mais feliz da minha vida seria aquella em que me dessem a noticia de haverem os povos festejado a sua confraternização queimando os arsenaes.

QUEM pretender, pela composição dos periodos acima transcriptos, ou pela meticolosa analyse dos pensamentos que lhes constituem a alma, descobrir-lhes a origem, errará por certo.

O primeiro apresenta a guerra como imprescindivel condição ao progredir da especie humana. Melhor o não escrevera um soldado, no afan de justificar a nobreza da sua função social. Partiu, entretanto, de um pensador, cuja longa vida defluiu no ambiente silencioso e calmo das bibliothecas e nas lides incruentas da palavra e da penna; e, o que mais palpitante faz ainda, si possivel, a evidente antilogia, partiu de um philosopho, que

deixou registrada nas memorias de sua juventude, esta affirmção duplamente insensata: *«si eu fôra condemnado a ser soldado, teria escapado desse inferno pelo suicidio ou pela deserção.»*

O segundo é um brado vibrante contra a guerra, uma generosa manifestação em prol da paz universal, méta sobre que deveria collimar toda a politica planetaria. Promanou de um homem, a quem, dos quinze aos sessenta e um annos de idade, decorreu a vida no tumultuar fragoroso dos combates, pugnando valorosamente — primeiro pela independencia da patria, depois pela sua integridade, por fim, em desaffronta de seus brios conculcados: de um homem, de cuja alma de escól, emergio em solemne occasião este compromisso formal: *«Ser-me-á mais facil morrer do que assignar uma parte dando a meu governo noticia de uma derrota.»*

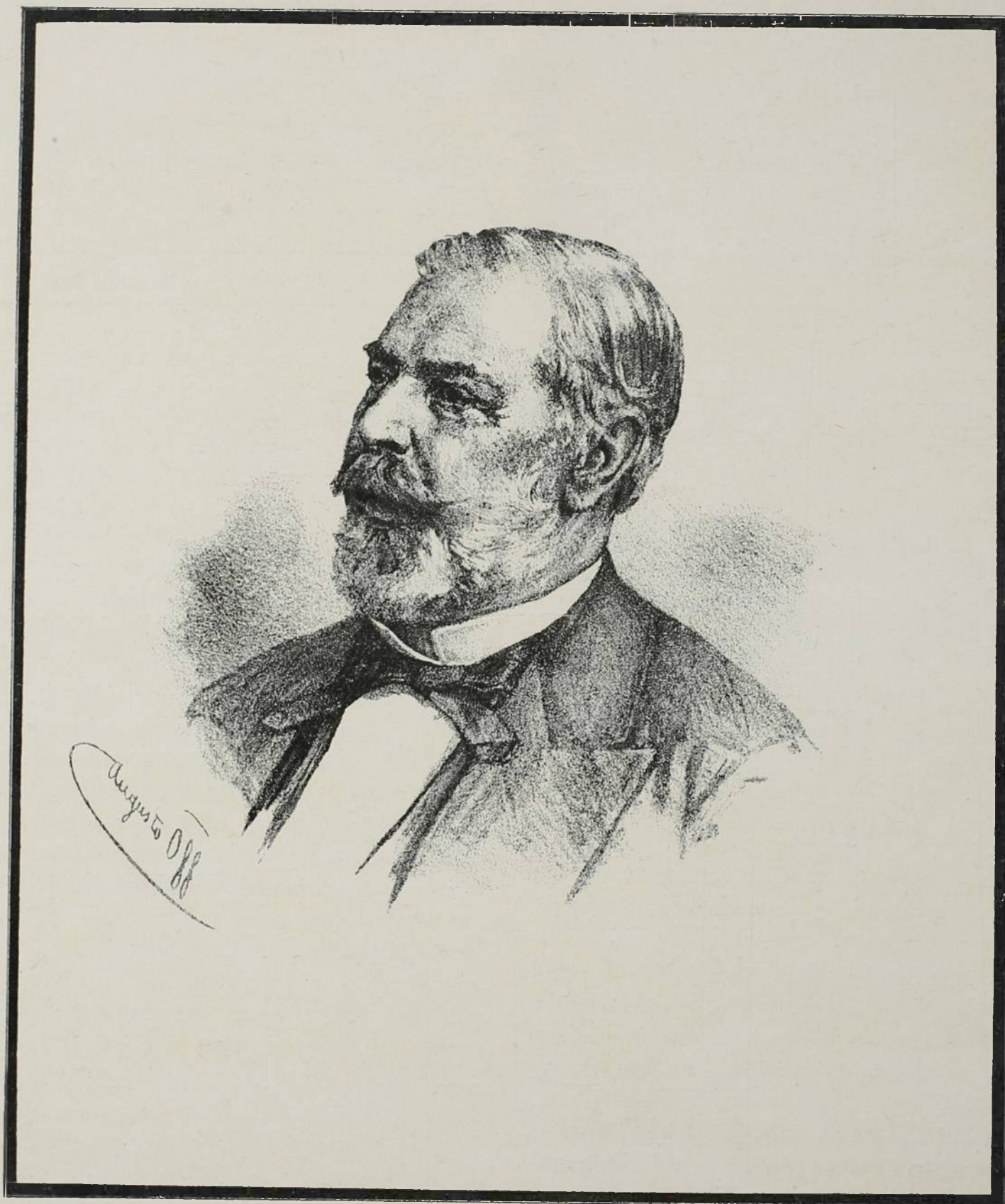
O primeiro dos citados trechos (1) escreveu Ernesto Renan, um anno depois de presenciar as humilhações e soffrimentos que a França teve de curtir, por não ter podido oppôr ao exercito allemão, outro exercito tão bem organizado, tão bem armado e tão bem commandado; soffrimentos e

(1) Citado por Charles Richet no seu ultimo livro — *Le passé de la guerre et l'avenir de la paix.*

Renascença

mesmo humilhações, que a bravura do soldado francez não poudé evitar, porque, já desde 1870, exercitos improvisados nas antevesperas da guerra, só podem conseguir uma coisa — a derrota.

batalhas, quando mal sahira da meninice o braço que a empunhava, e, nove lustros depois, tremeluzia ainda, guiando á victoria soldados brasileiros.



E o segundo é de Osorio, (1) o glorioso general, cuja lança rutilára á vez primeira ao sol das

A psychologia desses dous trechos demonstra que nem sempre é o soldado partidario incondicional da guerra; eoutrosim, quanto velejam amarrados do terreno da verdade aquelles que pensam

(1) *Historia do General Osorio* 1.º volume) pelo Dr. Fernando Osorio.

Renascença

corresponder a actividade guerreira á exaltação do instinto destruidor. Si, quanto ás nações ainda hoje no caminho barbaro das conquistas, póde ser esse apophthégma considerado verdadeiro, em relação ao Brasil, elle è, por certo, indefensavel. Para gloria da nossa patria, a hypothese odienta da conquistta é repellida pela nossa constituição e o foi sempre dos nossos costumes politicos. A nossa bandeira tremulou unicamente em prelios travados pela integridade do nosso territorio, ou pela liberdade de nossos irmãos tyrannisadas por Oribe, Rosas e Lopez.

Mais valiosa testemunha de verdade tão conhecida, não me fôra possivel citar, quanto ás

LA REPÚBLICA ARGENTINA. FUÉ SU NOBLE ALIADO EN UN COMÚN IDEAL DE CIVILIZACION Y LIBERTAD. »

E não só os intuitos altruisticos que sempre inspiraram a acção de nossas armas nas guerras externas, como, e, quiçá mais eloquentemente ainda, o procedimento generoso demonstrado com os inimigos vencidos, (1) graças aos nobres exemplos e insistentes recommendações de Osorio e de Caxias, provam que o soldado brasileiro não póde ser olhado, sem grave injustiça, sob o mesmo prisma, pelo qual devem ser encarados os das nações conquistadoras.

Em 15 de Abril de 1866, dizia Osorio em uma

Por aki as dirigem pa virem no
Vapor da man au rate agora
O Margem de sapias ainda
Porto Alegre e a tino, ainda he
ge pariamas a tinas. Olli
protito g. tino sido perido, eta
y aze bann. Soudo unnos
fithas e unnos. Recibe um
abraço do teu
Osorio

nossas intervenções armadas no exterior, do que o Sr. Estanisláo Zeballos.

Em sua apreciada REVISTA DE DERECHO, HISTORIA Y LETRAS, referindo-se a D. Pedro II, por occasião da visita do Sr. Dr. Campos Salles, escreveu o estadista argentino: «*En este mes, durante el qual el corazon y la intelligencia argentina dedican sus premicias al pueblo vecino y amigo del Brasil, no olvidemos al Caído, que mientras mantuvo en la mano el cietro de su país — ENTONCES PRIMERA POTENCIA MILITAR DE LA AMERICA LATINA — NO INTERVINO EN EL RIO DE LA PLATA SINO CON ALTOS Y RESPETUOSOS DESIGNIOS DE AMISTAD HACIA*

proclamação ao exercito: «Não tenho necessidade de recordar-vos que o inimigo vencido e o paraguay desarmado, ou pacifico, devem ser sagrados para um exercito composto de homens de honra e de coração.»

De que tão louvaveis recommendações foram, por via de regra, respeitadas no decurso da campanha, ha provas inconcussas.

O general paraguay Francisco Resquin, por

(1) Essa foi a regra em toda campanha. Alguma excepção infeliz a todos repugnava. Por isso grande serviço prestaram os Srs. general Bormann e Arthur Montenegro rebatendo as inexactidões do Sr. general Garmentia (*Recuerdos de la Guerra*) e de Juan Silvano Godoy (*Monographias historicas*).

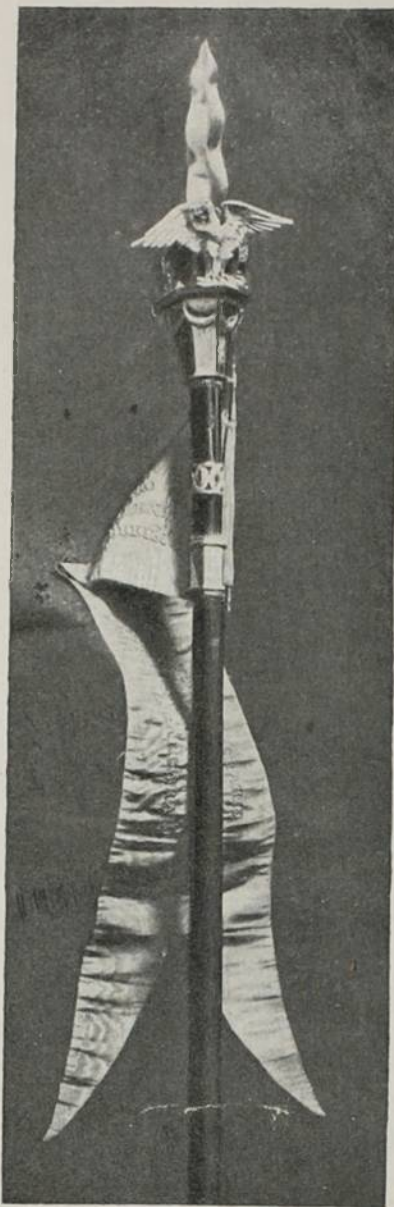
exemplo, assim allude (1) á sorte dos prisioneiros feitos em Uruguayana e em Cerro-corá :

« Los hijos de la nacion paraguaya que les tocó la suerte de cair prisioneros bajo la bandera del Brasil nunca olvidarán la generosa y benevola atencion del pueblo brasileno. »

« Desde el momento de obtener el triunfo el general Cámara en Cerro-Corá, prodigó a los desgraciados prisioneros paraguayos cuantos recursos estaban a su alcance, con una bondad y actividad, propia de un hombre valiente y militar civilizado. »

Relativamente á protecção dispensada aos prisioneiros de Cerro-Corá pelo insigne estadista brasileiro Visconde do Rio Brauco, recusando attender a nota pela qual o triumvirato successor de Lopez pedia a entrega delles, escreveu Resquin estas palavras :

« El señor ministro brasileño Paranhos contestó á dicha nota del triumvirato referente a la entrega de los prisioneros, negándo-se abiertamente



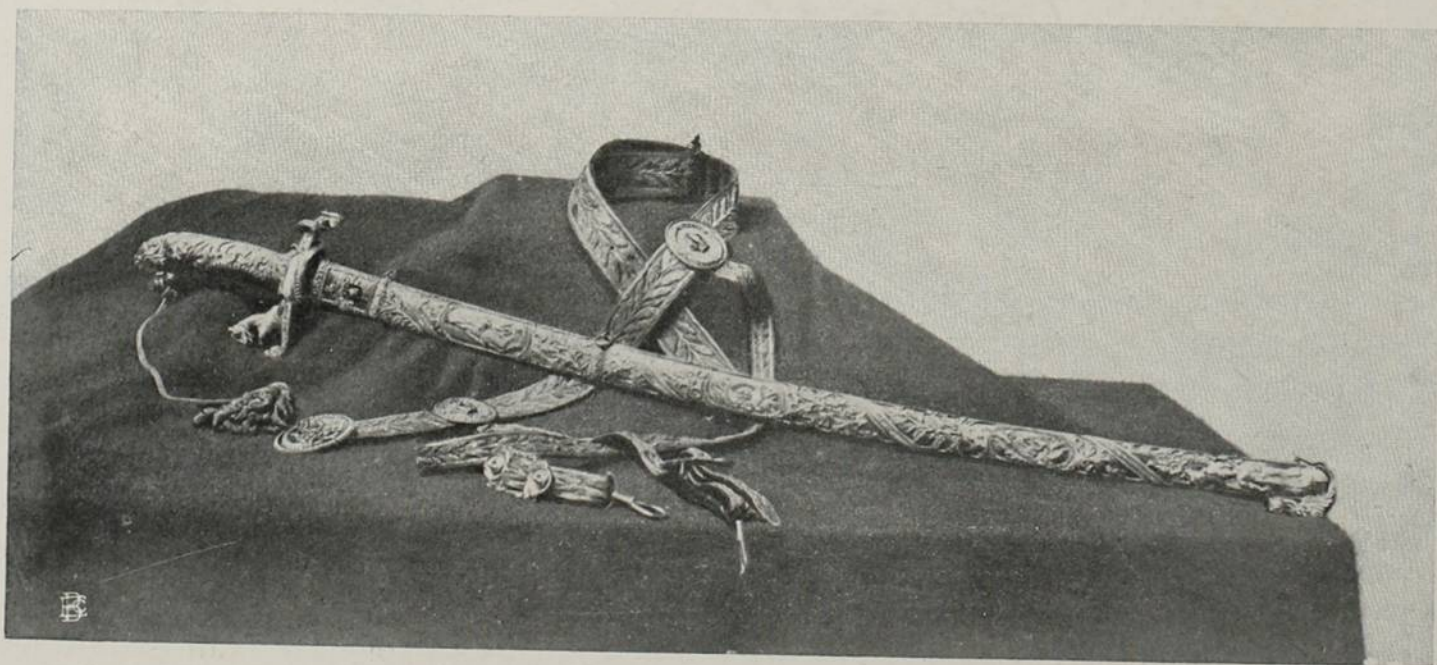
Lança oferecida a Osorio pelo povo do Rio de Janeiro. Tem ricos lavôres de ouro com brilhantes incrustados.

á las pretenciones del gobierno provisorio del Paraguay, manifestando que el gobierno imperial nunca consentiria que sus prisioneros fuesen entregados para asesinarlos. Este proceder del Imperio del Brasil revela con tal comportamiento AL MUNDO CIVILIZADO LA CULTURA DE AQUEL PUEBLO Y EL VALOR DE SUS EJERCITOS. »

Traçadas com o deliberado intuito de rememorar a figura legendaria de Osorio, calham bem nestas linhas as referencias destinadas a fixar o papel do Brasil, nos fastos da historia sul-americana.

Assim, melhor se caracteriza o meio onde agiu aquelle espirito tão generosamente estruturado ; mais facilmente se comprehende o nobilitante hybridismo, menos real do que apparente, quanto ao soldado brasileiro, e mais commum do que se poderá presumir, desse typo excelso de GUERREIRO PACIFISTA.

Demais, aos seus manes bençoados, mui grato será o relembrar-se a acção civilisadora e desinteressada da terra que tanto amou.



Espada oferecida a Osorio pelo Exército Brasileiro. A bainha e o punho são de ouro, com artisticos lavôres. Na cruzeta ha uma miniatura sobre esmalte, representando uma scena de 24 de Maio.

(1) Do livro « Datos historicas de la Guerra del Paraguay con la triptice alianza, scriptos por el general D. Francisco Isidoro Resquin ; el ano 1875, publicados por el Dr. Angel M. Veneroso, el ano 1895, (Buenos Ayres). »

Não permite a angustia do espaço relatar aqui particularidades da vida de Osorio, traçando-lhe

Renascença

biografia detalhada. E, aliás, outros (1) o já fizeram com maior capacidade.

Nosso intuito é apenas, coparticipando das homenagens que lhe serão prestadas este mez, em que passa o centenario do seu nascimento, recordar alguns aspectos da sua gloriosa personalidade.

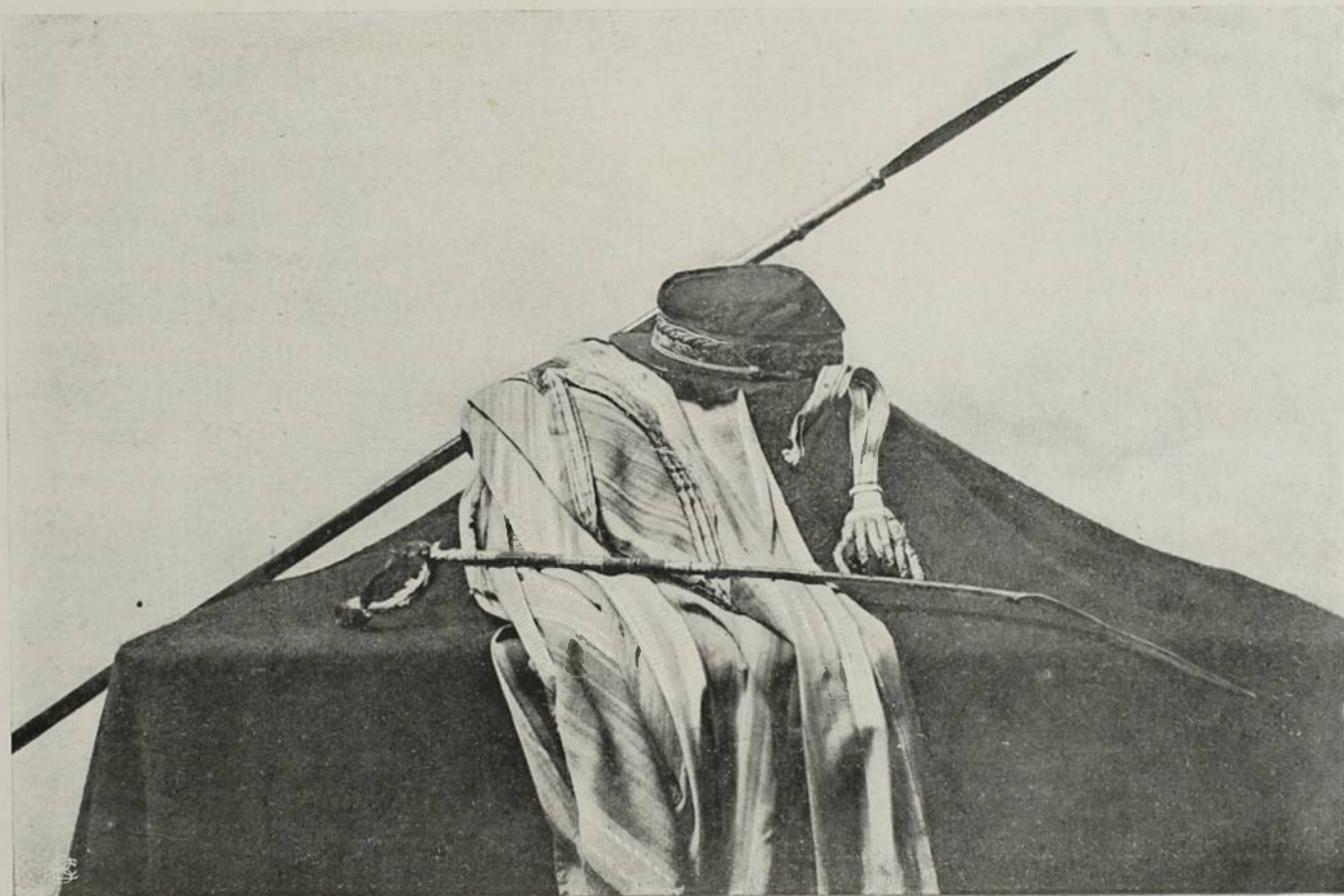
Da sua bravura nos combates tão rica é a mêsse de provas, desde ás margens do *Miguelete*, onde recebeu o baptismo de fogo, até *Peribebuy*, 56 annos depois, que a escolha se torna hesitante e difficil.

No combate de *Sarandy* (1825), o alferes Osorio, vendo o seu esquadrão dentro de um circulo de

Quando as tropas commandadas pelo Marquez de Barbacena, retiravam, após o desastroso combate do passo do Rosario (20 de Fevereiro de 1827) coube ao alferes Osorio o commando da força que protegia a rectaguarda.

Durante toda a revolução que assolou o territorio rio-grandense de 1835 a 1845, prestou Osorio os mais importantes serviços, ora no exercito, ora commissionedo major da guarda nacional.

Convicto da inconveniencia da separação do Rio Grande, manteve-se fiel á causa da monarchia, porque o seu espirito clarividente percebera achar-se com ella a causa da Patria. E nos combates do



Lança, poncho pala e outros objectos usados por Osorio durante a campanha.

ferro e fogo, intimado a render-se, responde investindo de lança em riste contra o adversario e abrindo brécha, seguido apenas por nove soldados, depois de acutillar os inimigos que de mais perto o seguiam, corre em soccorro do general Bento Manoel, prestes a cair prisioneiro, salva-o e, formando guerrilhas, contém as investidas da gente de Rivera, permittindo áquelle general reorganizar suas forças.

Rosario, no das Pedras Altas, no sitio de Caçapava que rompeu á frente de alguns soldados, na defeza de Porto Alegre, nos combates junto á povoação do Herval, nos dos passos Taquary e São Borja e em muitas acções de somenos importancia, o valoroso soldado cada vez melhor firmou os seus meritos.

Foi no decurso dessa campanha que Caxias e Osorio tiveram oportunidade de se conhecer. Do mutuo e elevado apreço existente entre ambos, apesar das intrigas com que os politiqueiros procuravam extremal-os, ha numerosos documentos.

(5) No 1.º tomo do trabalho do Dr. Fernando Osorio, já citado, e no 2.º da importante obra do capitão Pretextato Maciel, saudoso camarada recentemente fallecido, *Os Generaes do Exercito Brasileiro*, encontram-se promenores interessantes da vida do glorioso Marquez do Herval.

Caxias, educado na Côrte do Imperio, vivendo em um meio de maneiras afidalgadas, frequentando uma sociedade onde eram regra habitos palacianos, tendo recebido instrucção em um instituto de ensino superior, sentia-se bem ao lado de Osorio, cuja mocidade se escoára entre gaúchos e soldados e que tendo aprendido as primeiras letras com o mestre-sapateiro de sua villa natal, aproveitára os lazeres dos combates para enriquecer o seu espirito. E' que entre ambos havia um ideal commum — servir a Patria.

A bravura no campo de batalha e a lealdade nas luctas politicas irmanavam aquelles dous brasileiros illustres, que a origem e a primeira educação fizeram differentes (1).

Na campanha contra Rosas, tomou Osorio parte saliente. No combate de Moron, a testa de seu querido regimento, o 2º de cavallaria, avançou a trote contra uma bateria do tigre de Palermo, surprehendendo pela sua calma os artilheiros della, os quaes debandaram quando o segundo passou ao galope de carga.

Onde, porém, Osorio conquistou em lances de sublimado heroismo, nome proeminente na historia militar sul-americana, foi na campanha contra o governo sanguinario de Solano Lopez, o cruel dictador do Paraguay. E desde a passagem do Paraná até Peribebuy, raras foram as acções em que se não encontrou.

Desembarcando no territorio inimigo a frente apenas de seu piquete, abriu com a sua lança o caminho para os exercitos alliados. E os soldados de Lopez, a 16 e a 17 de Abril (1866), experimentaram o valor do adversario que tinham de enfrentar.

A 2 de Maio, surprehendida a nossa vanguarda ao mando de Flores e quando as tropas já vergavam ao peso dos golpes adversos, surgiu Osorio e, á frente da divisão Victorino, carregou contra o inimigo, desbaratando-o (2).

Em Tuyuty, a 24 de Maio, onde mais viva andava a peleja, apparecia, de lança em riste, o vulto glorioso de Osorio. O seu corcél ganhára azas e voava na ponta dos cascos, levando a todos

os recantos do campo de batalha, com a presença do general invicto, a certeza da victoria (3). E os valentes paraguayos tiveram de recuar, tendo perdido mais de 13.000 homens, entre mortos e feridos.

Terminada a batalha, quando os clarins annunciavam alacrememente, aos quatro ventos, a victoria dos alliados, sentiu Osorio a ferida que recebera. Felizmente, para a causa da civilisação na America do Sul, o ferimento fôra leve.

Devido a falta de cavallaria, não accedeu o general Mitre, commandante em chefe, á opinião de Osorio, que desejava partir em perseguição do inimigo.

E' provavel, outros fossem os successos posteriores si tal opinião podésse ter sido attendida.

Por doente, teve o illustre soldado de se recolher á Patria, em julho de 1866.

Na terra natal o veio encontrar a noticia da derrota de Curupaity. Como lhe devera ter doído ao coração patriotico nova tão triste !!

Poucos dias de descanso gozou ao lado de sua familia. E a 20 de Outubro d'aquelle mesmo anno, era nomeado para organizar um novo corpo de exercito, a cuja tésta, em Março do anno seguinte, partia de S. Bórja. A sua chegada ao exercito provocou as mais delirantes acclamações de enthusiasmo entre officiaes e soldados.

A 22 de Julho, Caxias, então commandante em chefe, confiava-lhe a vanguarda das forças alliadas e iniciava a famosa marcha de flanco, movimento strategico, que tão grande impulso deu ás operações.

No reconhecimento a viva força, contra Humaytá, executado a 26 de Julho, Osorio chegou a frente de seus soldados, até á contra escarpa da fortaleza afamada, retirando-se depois na melhor ordem, de bandeiras desfraldadas e ao som das bandas marciaes, como o fizera Porto Alegre, depois de Curupaity.

“ Quarenta e seis peças de artilharia e um nutrido fogo de fusilaria, varrendo completamente a frente atacada, diz Resquin, não davam tempo para collocar pontes, por onde pudéssem passar o fôssco.”

Notando-o, Osorio ordenou a retirada, sem requisitar o reforço que o proprio Caxias viria

(1) Além do amor da Patria e da bravura indomita no combate, outra cousa havia que irmanava Caxias e Osorio—o terem sido ambos, victimas da honrosa má vontade do politico a quem o Imperador, em um dia de humor ironico deu o titulo de Barão de Uruguayana. No livro do Dr. Fernando Osorio está bem documentada a parte relativa ao biographado.

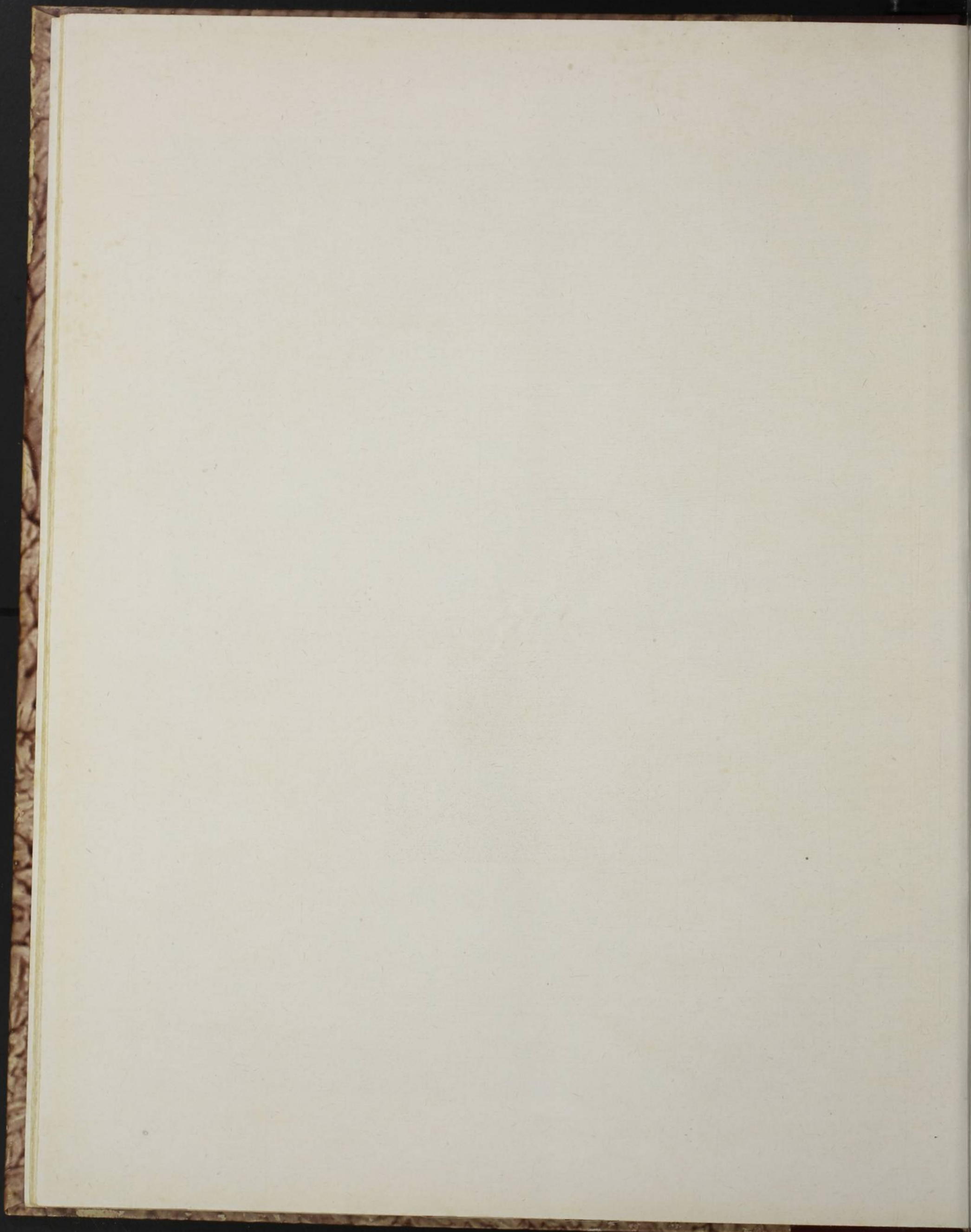
(2) Osorio já presentira a vulnerabilidade da vanguarda. Infelizmente não era o commandante do exercito alliado e hesitou em intervir.

(3) Na Historia da Guerra do Paraguay, do Sr. General Bormann e na obra de Schneider, anuotada peio Sr. Barão do Rio Branco, enoontram-se registradas com minndencias as façanhas de Osorio nessa batalha e em outras acções.



ESTATUA DO GENERAL OSÓRIO NA PRAÇA 15 DE NOVEMBRO NO RIO DE JANEIRO

(Esc. Rodolpho Bernardelli)



Renascença

commandando. E o fez opportunamente, porque o objectivo da operação estava realisado, e mais não permittiam as circumstancias.

Contra as linhas de Pekiciry, dirigiu Osorio um reconhecimento meticoloso, de que resultou ordenar Caxias a audaciosa passagem do Chaco, cuja realisação causou assombro ao proprio inimigo.

Em Avahy, (1) 11 de Dezembro de 1868, commandando a ala direita dos alliados, carregou denodadamente contra as hostes paraguayas sempre valorosas, concorrendo poderosamente para a victoria, em prol da qual continuou a pelejar, mesmo depois de gravemente ferido.

Achava-se Osorio em tratamento no Brasil, quando o Conde d'Eu, que substituiu Caxias, mandou convidar-o para assumir o commando do 1.º corpo de exercito.

Com os combates travados em Dezembro de 1868, cujo epilogo fôra a victoria final de Lomas Valentinas, terminára a parte mais importante da campanha.

Não hesitou, porém, Osorio em acceitar o convite. Fel-o de bôa mente. Tornou á guerra trazendo ainda no rosto o aparelho cirurgico que lhe protegia o ferimento.

Em Peribebuy (11 de Agosto de 1868), carrega a testa da columna, levando de vencida o inimigo, não se dignando em ajudar a collocação dos pranchões que deviam dar passagem sobre o fôssco defendido pelos paraguayos. Foi ali a ultima vez em que aos ouvidos de Osorio, tão acostumados já a essa musica terrivelmente bella, assobiaram balas inimigas a nenia da morte pela Patria. A 30 de Novembro de 1869, devido ao máo estado de saude, retirou-se definitivamente do theatro da guerra e regressou ao Brasil.

Em rapido escorço, sem o colorido e o relevô, que para o assumpto fôra mistér, taes forau os serviços de Osorio nas campanhas, a que o Destino arrastára o nosso Paiz.

Ao terminar a do Paraguay, tinha o posto de tenente general do exercito e o imperio se ennobrecêra, inscrevendo-o em seu nobiliario com o titulo de Marquez do Herval.

★

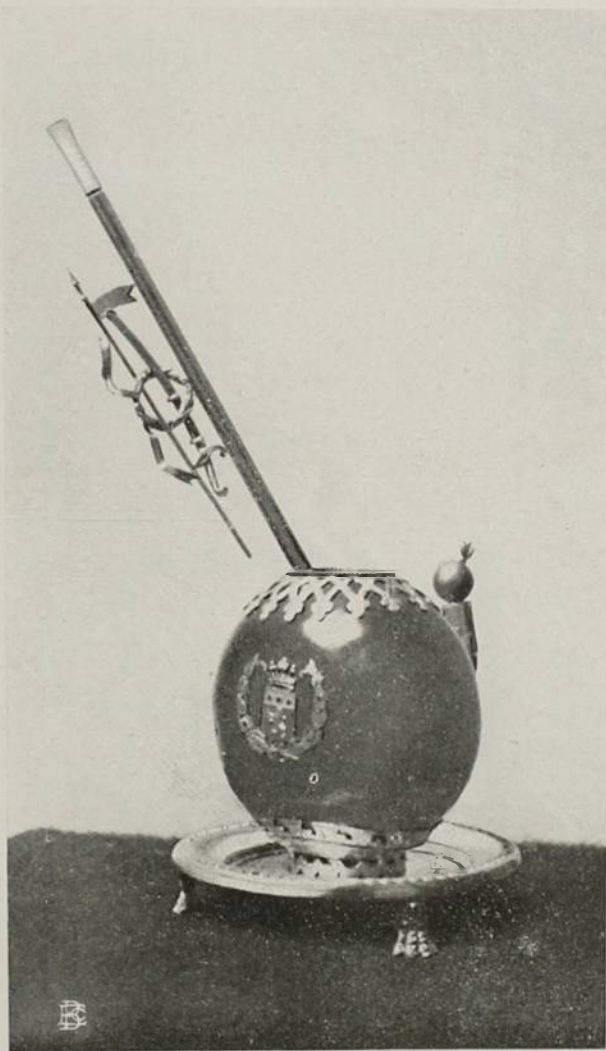
Uma das qualidades capitaes de Osorio era, sem duvida alguma, a de não temer responsabilidades. Quando era necessario agir, lhe não entorpecia os passos a perspectiva de desagradar a quem quer que fosse. Sentia-se forte no cumprimento de seu dever, sem cogitar de applausos ou vitupérios.

Valeu-lhe esta qualidade não poucos desgostos e até uma prisão de cerca de um anno. Motivou-a o ter passado a fronteira afim de destroçar uma horda de indios salteadores, aldeados em *Bella-Union*, Estado Oriental, os quaes continuamente assaltavam estancias no Brasil, levando a ferro e fogo tudo que encontravam.

Era ainda tenente e commandava uma pequenaguarda no Quarahim. Nem medio perigo nem ponderou nas complicações futuras. Agiu. De sua acção e resultou garantia de vida para os seus concidadãos, a custa da sua liberdade.

Mais tarde, nas margens do Paraná, em solenne momento, deu outra demonstração de como não temia assumir graves compromissos, si algum interesse superior a isso o obrigava.

Sob a presidencia de Mitre (2) discutiam os generaes alliados, em conferencia, a qual dos tres exercitos caberia a iniciativa das operações de guerra. Nobremente estimulados pelo desejo de verem suas bandeiras na vanguarda das tropas ao



Cuia de mate com lavôres de ouro e prata, representando peças de armamento. Offerecida pelo povo do Pelotas.

(1) Em um dos numeros anteriores d'esta revista, já se deu a reproducção do quadro d'essa batallia, pintado por *Pedro Americo*, cujo original se acha na Escola de Belas Artes.

(2) Dos *Episodios Militares*, interessante collectanea de factos occorridos no Paraguay, pelo coronel Joaquim S. de A. Pimentel.

ser invadido o territorio inimigo, fervorosamente apresentavam, Mitre e Flores, as razões que a cada um assistiam. Tamandaré e Osorio testemunhavam silenciosos a cavelheiresca contenda. Em um dado momento, o presidente do Uruguay, voltando-se para Osorio, perguntou :

— *Que diz, general?*

— *Digo, respondeu Osorio, que vocês podem discutir como quizerem, mas quem passa o rio sou eu.*

Tamandaré abraçou-o entusiasmado e os generaes presentes sancionaram com uma salva de palmas as palavras do sympathico guerreiro.

Dias depois a frente de 12 cavallerianos elle pisava o territorio inimigo.

Esta presteza em tomar graves resoluções é privilegio dos caracteres de rija tempera. As almas amorphas se não coadunam com processos semelhantes.

Não só em face da necessidade de decidir sem hesitação um acto militar, como igualmente nas questões suscitadas pelas exigencias de outra natureza, Osorio costumava agir desasombradamente

Durante a revolução riograndense estava servindo em Porto Alegre, á frente de uma legião da guarda nacional, cujo commando lhe fôra confiado em recompensa á sua bravura rompendo o sitio de Caçapava. Do presidente da provincia recebeu ordem de prender um individuo, afamado pela sua coragem, que espancára barbaramente um funcionario publico. Prevenido de haver sido mandatario do crime o proprio chefe de policia-foi á residencia d'este, e á força arrancou o criminoso que ali se escondera. Tanto o presidente, como o chefe de policia eram liberaes. Este, porém, ultra-legalista, pertencia á classe dos homens que, no exercicio de uma autoridade, confundem a energia com a violencia. E como Osorio não admittia semelhante methodo, procedeu contra o mandatario do crime sem ter em consideração o mandante. Com isto conquistou figadal inimigo. Nunca mais o chefe de policia, depois senador do Imperio, perdoou tanta ousadia. E mais tarde, ainda no tempo da revolução, como o major Osorio fosse a sua casa apresentar-se por ter sido nomeado para uma commissão adrede arranjada e d'elle dependente, commissão inventada para tirar o brioso soldado de Porto Alegre, em cuja defeza, mezes antes, tanto se distinguira, pretendeu ridicularisal-o felicitando-o pela *honrosa* commissão.

Ozorio respondeu-lhe :

« *A commissão ha de ser tão honrosa como a de prender bandidos que, com a protecção das autoridades, affrontam a sociedade, espancam nas ruas publicas cidadãos inérmes e depois procuram a casa de V. Ex. para occultar-se.* »

A replica, é bem de ver, poz fim á apresentação.

★

São numerosas as phrases felizes pela concisão e energia, que a tradição guardou, como para documentar a vivacidade da intelligencia e a rija fibra do character do soldado glorioso.

Na obra patriotica do Dr. Fernando Osorio, que tantas vezes tenho citado, e cuja conclusão fôra serviço de relevancia, muitas dessas phrases vem referidas, a par de interessantes anedoctas.

Citarei algumas.

Uma vez perguntaram-lhe : *que impressão sente V. Ex. ao entrar em batalha?* Respondeu : *Ao avistar o inimigo — entusiasmo ; ao primeiro choque — medo ; ao derrotal-o — pena.*

Mitre de quem era amigo pessoal escreveu-lhe um dia, gracejando : « *Meu caro general e amigo, empreste-me tantos bois, senão vou tomar-os á viva força, tanta é a necessidade.* » Promptamente redigiu-lhe Osorio : « *Querido general e amigo, para poupar-me o pezar de destroçal-o, mandarlhe-ei os bois de que precisa.* »

Sempre prompto a ajudar quem precisasse de seu auxilio, nunca preteria, entretanto, o interesse publico, em beneficio de seus protegidos.

Apresentado por um amigo, procurou-o, em certa occasião, um estancieiro rio-grandense, pedindo o recommendasse ao official chefe de uma commissão, que percorria a provincia comprando cavallos. Osorio não quiz recusar a recommendação pedida, mas deu-a, lembrando ao destinatario que verificasse cuidadosamente si os cavallos offerecidos pelo portador da carta satisfaziam bem as duas qualidade principaes do cavallo de guerra — velocidade de e resistencia — rejeitando aquelles que não as satisfizessem por completo.

Alem de versos apaixonados em que Osorio descrevia a belleza de sua Nisia, alguns dos quaes se tornaram populares no Rio Grande, compoz outros, ora celebrando os encantos da terra natal, ora satyrisando quem o merecia, fosse embora um superior hierarchico.

O amor da Nisia bella, valeu-lhe o destacar de

Renascença

Rio Pardo para fronteira do Quarahim, sem lhe tocar por escala.

As satyras pravocaram-lhe inimizades que o seu merito neutralisou.

Improvisador fluente, os versos saltavam-lhe dos labios como as vozes de commando, sem esforço nem rebuscamento. Um dos seus repentes mais referidos occorreu quando as nossa tropas, em 1851, estavam acampadas no Uruguay, prestes a se moverem contra Rosas.

Passando Osorio, uma noite, pela barraca de dois officiaes, percebeu que elles luctavam para

Mettendo a cabeça pela porta da barraca collaborou accrescentando :

Quero escrever os meus males
tem graxa o bico da penna.

.....

★

De uma perspicacia admiravel no julgamento dos factos coévos, Osorio antevia os futuros com uma clarividencia extraordinaria, o que demonstra a superioridade da sua intelligencia.

Em 1879, segundo refere o Sr. Visconde de Ouro Preto, Osorio previa a possibilidade de ir-



completar uma quadra de que já haviam arranjado dois versos. Correu em auxilio dos camaradas apurados nesse *entrevero* de especie nova. E como os *poetas*, alem da falta de éstro, lamentavam o estrado gorduroso da penna. Osorio, depois de os ouvir repetirem, varias vezes, os dous primeiros versos :

Neste triste acampamento
a que o fado me condemna

.....

romper um movimento revolucionario no exercito, contra a monarchia e, algumas vezes, em conselho de ministro, enunciára essa previsão extraordinaria. Semelhante facto, tão excellentemente documentado, exalça o movimento de 15 de Novembro, redime-o da pécha de *levante de quarteis*, com que monarchistas despeitados e republicanos miliphobos tentam maculal-o ; pois o apresenta como um termo da serie que ao Brasil faltava percorrer no

Renascença

caminho do progresso, como uma consequencia logica dos successos que o antecederam, consequencia que um espirito superior pôde prever, um decennio antes, graças á lucidez de sua hypervisão psychica. Vigilante e colimando sempre o bem da Patria, não se restringia Osorio, quando commandava forças na fronteira, á méra assignatura do expediente. Não só procurava ter as tropas no mais apurado gráo de instrucção, como saber o que se passava além da linha divisoria, afim de estar prompto para rebater qualquer inesperado golpe.

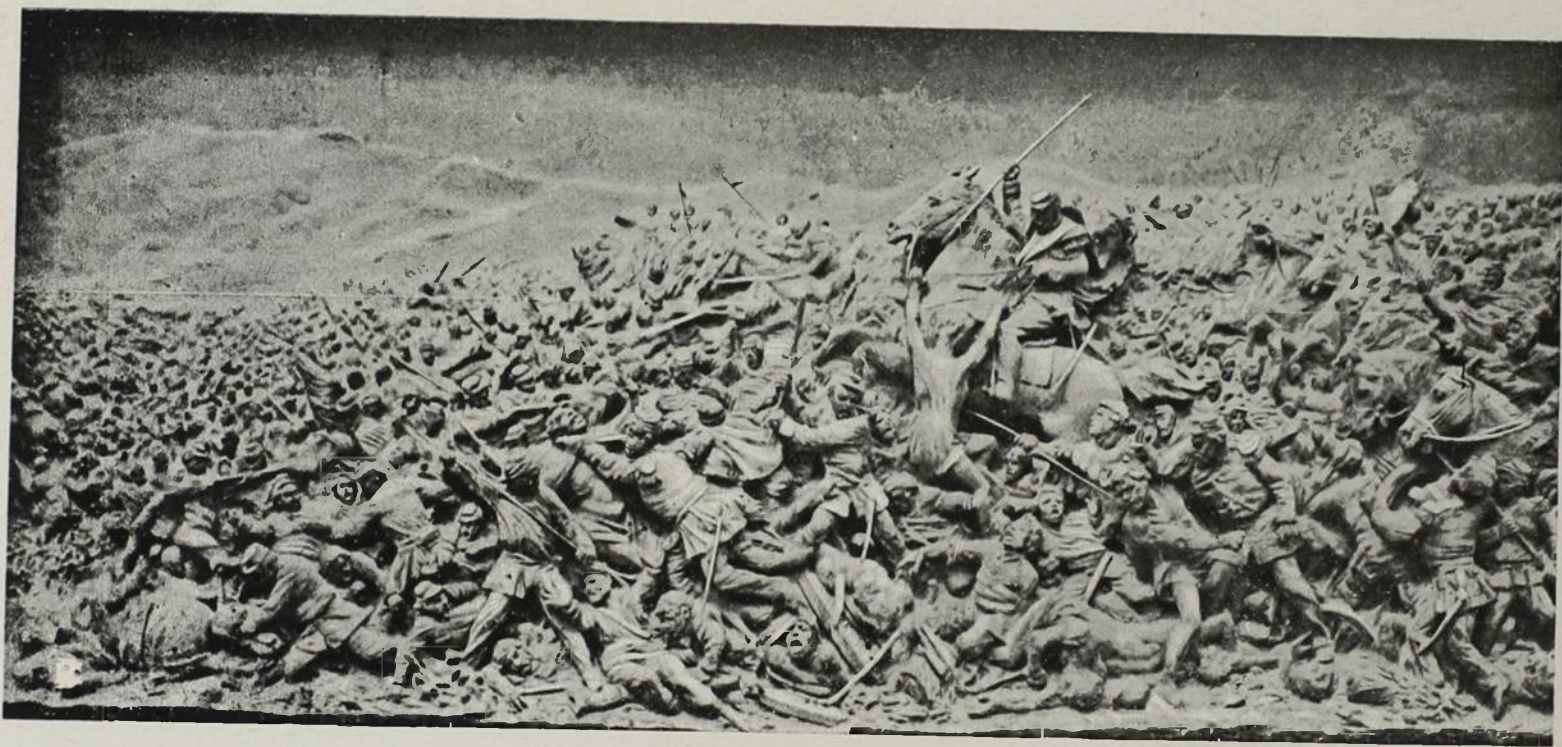
Por isso, em 1847, lhe foi possivel prevenir o governo imperial dos preparativos a que febrilmente se entregavam os paraguayos.

Infelizmente, a crudelissima lição que recebeu o Brasil, pelo descaso da sua organização militar e da defeza de suas fronteiras, de nada serviu. Apenas agora, começa o governo a encarar esse importante problema com a merecida attenção, arrosando, aliás — causa pena dizel-o — a má vontade e a má fé de brasileiros, dentro de cujas almas falam mais alto os interesses pessoas do que os da Patria.

Quando deixará de ser a amnésia uma chronica doença nacional?

★

Chefe carinhoso de familia, filho e pae amantissimo, (2) qualidades nada incompativeis com



Baixo relevo representando uma scena da batalha de Avahy.

Seu brado de alarma não foi ouvido. As consequencias não tardaram. Oito annos depois, a nossa fronteira era invadida e, de S. Borja a Uruguayana, os soldados de Estigarribia levavam a morte e a desolação. Aos resultados da desidia criminosa do governo coube, em grande parte, a Osorio contrastar mais tarde, no campo de batalha, á frente de soldados, de cuja bravura são os adversarios daquelle tempo, os heroicos paraguayos, as melhores testemunhas (1).

as mais sublimadas virtudes militares, porém que ao contrario, as completam e apuram, Osorio, para acudir ás condições precarias em que se encontravam os seus parentes mais proximos, e cansado de soffrer onze annos de preterição no posto de tenente e as picardias de politicos de aldeia, quiz um dia deixar o serviço activo e pediu reforma. No seu requerimento declarava que a dese-

(1) «Los brasileiros se batieran siempre con valor y tuvieron la mejor parte en casi todas las batallas» diz o escriptor paraguayo Blas Garay, no seu *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*, obra de vulgarisação popular.

(2) Nas numerosas cartas que tive occasião de ler, graças á nimia gentileza da Exma. Sra. D. Manuela Osorio Mascarenhas, filha do illustre soldado, se observa o amor entranhado que votava a sua familia. Em uma dellas refere-se elle ao seu anniversario, commemorado em um jantar dado em baixo de um laranjal, ao som de bandinhas de marciaes e de granadas atiradas pelo inimigo. Em outras, escriptas do Rio de Janeiro, allude a melhoramentos materiaes do amado Rio Grande, em prôl dos quaes trabalhava. E' de uma dessas cartas, o trecho reproduzido em autographia, paginas atraz.

Renascença

java "como premio de 16 annos de serviços á Patria, nove dos quaes em campanha".

Os chefes militares com que servira e dos quaes juntava attestados para o computo do tempo de praça, teciam-lhe os mais rasgados e justos elogios, lamentando a retirada do exercito de um official tão valente.

Houve, porém, uma nota dissonante. O então presidente da provincia do Rio Grande do Sul, Marechal Antonio Elizario de Miranda Brito, ao qual desagradára a sobranceria de Osorio com o chefe politico Dr. Pedro Borges (1), a quem se entregára de corpo e alma, informou ser aquelle distincto soldado «*um official soffrivel, de compor-*

do bom senso, quando as autoridades se deixam cegar pelos dictames do partidarismo.

Quanto não teria perdido a Patria, si lhe houvéra faltado para sua defeza a espada valorosa de Osorio! Felizmente, o ministro da guerra lançou um patriotico — *Esperado* — no desastroso requerimento e, alguns mezes após, era o peticionario promovido a capitão e demittido do commando das forças legaes e da presidencia da provincia o informante pouco justiceiro.

★

O incidente narrado, certo, deverá ter influido no espirito de Osorio, para que se não deixasse le-



Baixo relevo da estatua representando um episodio da batalha de 24 de Maio

tamento irregular e até conspirador e de genio muito intrigante, pelo que — concluia a informação nestes termos — parece que bom seria não só conceder-se-lhe a reforma, mas até determinar-se-lhe um lugar para residencia, fóra desta provincia, emquanto durar a guerra.»

O contexto desta informação é um eloquente exemplo do ponto até onde póde ir a obliteração

var jamais pelas exigencias da agremiação partidaria a que se filiára desde a mocidade, quando não as inspiravam razões superiores. E nos successos politicos de seu tempo, entre as conveniencias do seu partido e as da Patria, não hesitava em resolver para onde devia propender o seu apoio valioso.

D'essa qualidade, digna de imitação, foi prova evidente a sua attitude sobranceira a proposito do convenio de 20 de Fevereiro de 1865.

O gabinete liberal, que então governava o Brasil, exonerára da missão especial que exercia junto á Republica Argentina o conselheiro José

(1) Outro motivo augmentára a já existente má vontade dessa autoridade contra Osorio. Fóra este commissionado, por grande numero de officiaes, para expor ao ministro da guerra, major Sebastião do Rego Barros, em visita ao Rio Grande, pouco tempo antes, os desasos do marechal Elizario, já sob o ponto de vista militar, já sob o ponto de vista politico. E Osorio desempenhou-se com a sua franqueza habitual, ouvindo-o o ministro com a attenção devida.

Renascença

Maria da Silva Paranhos. (1) A esse acto impatriótico, cujas tristes consequências tanto prejudicaram o nosso paiz, servira de pretexto uma supposta deficiência do convenio alludido; mas a sua razão primordial fôra, como é sabido, a vontade de arranhar o prestigio cada vez maior d'aquelle diplomata illustre, e castigal-o por ter ousado lembrar os nomes de Caxias e Inhaúma, ambos conservadores, para commandantes em chefe das forças brasileiras de terra e mar. Osorio, porém, apesar de filiado ao partido liberal, não trepidou em condemnar publicamente o acto nefasto de seus correligionarios e, em um banquete offerecido ao corpo diplomatico acreditado junto ao governo Oriental, num discurso vibrante de sinceridade, disse com franqueza sua

opinião, terminando por affirmar "*que o Brasil inteiro applaudiria o acto de 20 de Fevereiro.*"

Para que melhor se ajuize da significação de tal procedimento, bom é lembrar que Osorio estava no commando em chefe das tropas brasileiras estacionadas perto de Montevideo.

★

Entre os inestimaveis serviços de Osorio, fôra injusto não referir a sua nunca desmentida dedicação á monarchia. Varias vezes solicitado para desembainhar contra ella a sua espada, jamais o fez.

Durante a revolução rio-grandense, soube resistir ao convite do general Bento Manoel Ribeiro, que abandonando as fileiras leaes se alistára entre os soldados da republica de Piratinim; mais tarde, em plena paz, não accedeu ás instancias de partidarios da fórmula republicana para dirigir um



Quadro a oleo offerecido a Osorio, quando regressou da guerra.

(1) No ultimo livro do Sr. general Bormann *A Campanha do Uruguay*, encontra-se discutido com pormenores este incidente.



Casa em que falleceu Osorio, á rua do Riachuelo.

Renascença

movimento revolucionario. Porque acredito que da victoria de qualquer dos tentamens generosos feitos em pról da Republica, antes de 15 de Novembro, resultaria o esfacelamento do Brasil, penso, devem todos os brasileiros ciosos d'esse nome, considerar, como um dos maiores serviços de Osorio, a sua dedicação ao governo monarchico: pois garantindo-o, o legendario soldado, certamente, só tinha em vista assegurar a integridade da Patria.

★

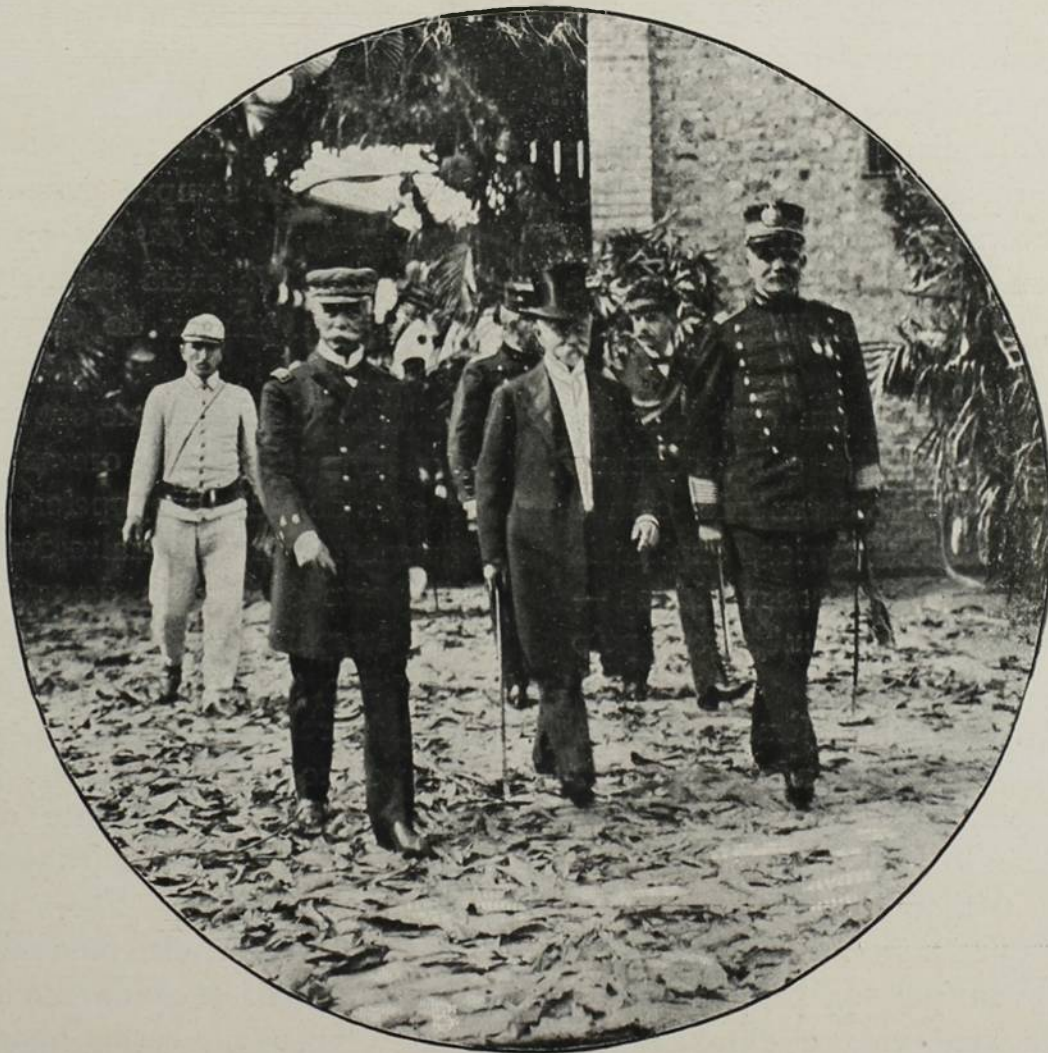
A vida de Osorio, de que ousei traçar nas li-

Rio, Maio, 1908.

nhas acima, um quadro esmaecido, obedeceu sempre, desde as margens do arroio Miguelete, onde como cadete bateu-se, em 1823, pela independencia da Patria, até 4 de Outubro de 1879, em que falleceu, marechal do exercito, titular do imperio e ministro da guerra, ás injunções imperativas do seu lema predilecto TUDO PELA PATRIA.

E, por isso, mais do que no bronze imperecível do monumento que lhe ergueu a gratidão nacional, no coração dos brasileiros ficará gravado perennemente o seu nome glorioso.

R. Sardo.



O Dr. Affonso Penna no dia da inauguração do edificio do Corpo do Bombeiros.

Formas e Imagens



VALENCIANAS



Valencia está debajo del paraíso :
y cuando Dios le priva de su presencia
por el balcón del alba, sin su permiso,
los ángeles se assoman á ver Valencia.

JOSÉ ZORRILLA

SOL, flores, mulheres, laranjas, agua serpenteando, casitas brancas, com uma cruz, como capellas, eis ali a *huerta*. Palacios velhos, velhas egrejas, ruas modernas, mulheres d'en canto, jardins balsamicos, eis a cidade. E' Valencia.

Grande terra de sol. terra fertil de maravilhas, que ora são rosas, ora fructos, rostos, ma' drugadas ou occasos, é Valencia uma das muitas, bemaventurosas curvas que o Mediterraneo azul como um diamante raro, talhou na aresta viva do seu contorno formoso, e continuamente retoca com as suas ondas mais carinhosas.

A historia de Valencia, cheia de agitação e denodo — que eu só muito por alto me atreverei a gizar aqui — é deveras interessante, e denota no povo que a viveu qualidades excellentes de amor á sua patria, ainda hoje diferenciada e resistente.

A *Valentolat* dos arabes, em que querem alguns enxergar uma primitiva e remotissima colonia egypcia — o que, accrescentado com a posterior victoria das tribus syrias, explicaria certos caracteres de belleza das suas mulheres — foi, após vicissitudes numerosas, subjugada pelo grande Cid, ali pouco valente.

Por sua morte, coube a Jimena — essa exemplar viuva — que a quiz ainda conservar como sua, mas Valencia, como uma sultana avessa a estranhos, preferiu o senhorio dos antigos mouros, seus donos, trilhadores affeitos do seu corpo opulento, até que D. Jayme I — o vaidoso monarcha que escreveu por sua propria mão o exalçante elogio de sua vida e obras, nessa *Cronica o Comentarís del gloriosissim y invictissim Rey En Jaume I, rey d'Aragó, de Mallorca y Va-*

*lencia, Comte de Barcelona, d'Urgelly de Montpel-
ler, escripta por ell'meteix en sa llengua natural* — teve artes de a conquistar na noite de São Miguel.

S. Miguel, patrono da guerra e das mudanças — que eu, em Valencia, tinha defronte da janella, ao alto d'uma egreja, numa curiosissima estatua, um bronze do seculo XV — baptizou, em Valencia, o mais feliz e popular dos sinos, por sua vez padrinho d'uma torre — esse *Micalet* que, a quasi cincoenta metros do solo, é sonoro senhor de toda a *huerta*, que elle num momento accorda, adormece ou sobressalta, a uma martellada do sineiro, porque este sino, alto, adorado e velho, tem, como uma penitencia velha que um ermita palrador se impozesse, o badalo preso.

O seu verdadeiro nome é alias *Maria Miquela*, e referindo-se a elle qualquer valenciano vos sabe dizer: *Maria Miquela em dihuén, cent quintals pese, y el que no ho vullga creure, que'm sospese* — dito famoso.

Valencia, essa joia — e nunca um vulgarismo melhor coube — que os reis catholicos, o indeciso Fernando e Isabel, a destemida, incrustaram com muito contentamento na corôa fulgurante, Valencia — e deixemo-nos de historia facil — a privilegiada terra, em que a palmeira brota como uma companheira nos pomares, domesticada na estatura, mas sempre grandiosa no relevo, é a *muy noble, fiel y dos veccs leal* cidade, o que dá logar a que Valencia seja, num rigor d'heraldica que é um primor de decoração, a cidade dos dois *L L*.

Esses dois *L L*, que ora se enlaçam como uma esquadria justaposta, ora se perfilam como estylisações de vultos egypcios, signos geometricos que rebrilham no esmalte dos escudos e chapeiam ricamente os bancos da cathedral, se significam para hespanhões o orgulhoso, segundo velhos lisongeiro, titulo de duas vezes leal, para nós, esse repetido, recto, angulo do abecedario, póde traduzir, como um hieroglypho prompto entendido, toda a sonoridade vibrante da palavra: bella. E nesse caso, poucas cidades usariam melhor o seu adjectivo.

Sendo Valencia uma cidade activa de bastante industria e vida moderna, mesmo d'un luxo intenso em certas epochas do anno, é no aspecto geral, permanente, uma deliciosa cidade velha, com a encantadora particularidade de ser

Homens e cousas do Paraguay



SOLANO LOPEZ E JOSE DIAZ



Um illustre litterato e homem publico do Paraguay, que ha alguns annos esteve entre nós, o Sr. D. Juan Silvano Godoy, retirando-se para a sua terra, teve a gentileza de me offerecer o interessante livro das *Monographias Historicas* que publicou em 93 na cidade de Buenos Ayres. E' um farto volume bellamente impresso e intercalado de phototypias, em que o autor reuniu varios capitulos de historia escriptos em épocas diversas. E' escusado dizer que a maior parte das paginas do livro se ocupa da grande campanha Sul-americana em que a pequena e valorosa republica se empenhou com heroismo impetuoso e fanatico. Não foi, pois, sem receio que tomei do livro para o ler. Era natural que fosse pouco agradavel ao amor proprio brasileiro a leitura de episodios de nossa guerra narrados por um patriota paraguayo. E' bem conhecida a *Historia* de Thompson que mereceu a valente e victoriosa contradicta do bravo e mallogrado Senna Madureira. Breve, porém, se me dissipou tal expectativa. O autor, dotado de notavel espirito de justiça, soube reconhecer a bravura dos nossos soldados e a tactica dos nossos capitães, como não deixou de assignalar os erros do seu

general e mesmo as culpas de seus officiaes, aliás de não contestado valor.

E muitas coisas interessantes se respigam no livro de D. Silvano Godoy. Especialmente sobre as figuras proeminentes de Lopez e Diaz, encontrei pelas paginas das *Monographias Historicas* informações e notas que offerecem bastante curiosidade ao leitor brasileiro.

Essas notas e informações forneceram os elementos para o estudo que se vai ler.

I

Francisco Solano Lopez, marechal do exercito do Paraguay, foi investido do supremo e absoluto poder em sua terra natal por verba testamentaria manifestada em artigo de morte por seu pai, Carlos Antonio Lopez, que durante vinte annos exercera o poder descrionario, conquistado após as perturbações que se seguiram em 41 á morte do dictador José Gaspar Francia, cujo governo, singular, retrogrado e sanguinolento durára desde 1814...

A autoridade do Marechal-Presidente era constituída pela somma dos poderes publicos que elle enfeixava autoritariamente em sua vontade omnimoda, prestigiada pela submissão incondicional e unanime de subditos que

Renascença

cincoenta annos de tyrannia haviam acostumado a obedecer. Nem o povo, nem a nação, nem Deus, nesse paiz de religião, estavam acima della. Lopez era o todo poderoso. Nos quarenta templos espalhados pelo territorio da republica o sacerdote catholico todos os dias pronunciava humilde, no momento santo do sacrificio da missa, o nome augusto do moderno Cesar, pedindo á providencia divina graças, honras e uma existencia venturosa e longa para o general e senhor. Assim, no espirito inculto, quasi selvagem do povo cuja educação primitiva foi obra exclusiva do jesuita, Lopez não era somente o chefe temporal, visivel, mas tambem elemento necessario do culto religioso. Não havia, pois, receio de que conjurações e shismas pudessem vir perturbar essa tranquillidade omnipotente contra a qual ninguem se atrevia a revoltar-se mesmo em pensamento. Elle era um autocrata que governava sem parlamento, nem tribunaes de justiça; por si só dictava as leis e decidia os pleitos judiciarios; era senhor da vida dos seus subditos e da fortuna publica e particular, e os seus patricios pagavam-lhe tudo isso com uma confiança absoluta, uma sujeição sem limites; tendo todos a vida e os bens pendentes dos labios do dictador, estavam dispostos entretanto a sacrificios sem nome, não desejando sinão penetrar em seu occulto pensamento, para correr á morte com a impavida e serena vontade do stoico, se assim elle quizesse.

Lopez era a todos os respeitos a primeira figura de sua terra. Em illustração só lhe excedia D. José Berges, ministro das relações exteriores no inicio da guerra e que havia sido plenipotenciario junto ao governo brasileiro. O Paraguay nesse tempo jazia no mais completo atrazo cultural; não tinha um só estabelecimento de ensino superior, apenas possuindo escolas de primeiras letras. Póde dar uma idéa do seu deploravel estado a circumstancia extraordinaria de não haver a esse tempo um

só paraguayto advogado, medico ou engenheiro, nem um só homem de sciencia com titulo universitario.

A Solano Lopez, entretanto, não haviam faltado os elementos precisos para a cultura da nativa e exuberante actividade intellectual. Desde a mais tenra idade, criado entre as adulações e as homenagens dos que formavam a côrte do severo pai, não lhe faltaram carinhos e cuidados de todo o genero. Aos 18 annos, em 46, era general de brigada e commandava um exercito de sete mil homens sob as ordens superiores do general Paz. Em 53, na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario acreditado junto ás côrtes europeas, percorreu, dispondo de recursos illimitados, as principaes capitães do velho mundo, acompanhado de numerosa comitiva. Em Pariz, sobretudo, achou-se bem em meio das sumptuosas festas da Côrte imperial que o acolhia festivamente nos esplendidos salões das Tulherias. Assim, em contacto com as summidades da politica européa, e viajando com o espirito instinctivamente observador, Lopez, sem dedicar-se com sinceridade a estudos e praticas universitarias, adquiriu boa copia de conhecimentos convenientes para o homem que se destina ao governo autoritario de uma nação.

No velho mundo, cercado da atmospha official que lhe creava a sua posição singular, em meio dos cortejos e pompas das festas dos paços de reis e imperadores, avolumou-se nelle o desmarcado orgulho, a ambição desarazoadada que constituíam os predicados principaes do seu espirito. Sobre todos os vultos da humanidade o vulto de Napoleão I impressionava-o principalmente. Perdia-se durante longas horas, esquecido sob o dourado zimborio dos Invalidos, na contemplação absorta do tumulto marmoreo do grande capitão. Era nessas contemplações mysticas que a imaginação doentia se desdobrava nas perspectivas incoherentes

Renascença

de grandezas e poderio que lhe atormentavam o espirito febril. Ora via-se elle o factor da homogeneidade republicana em todo o solo da livre America; ora não se contentava já com ser um Consul vitalicio, absoluto e todo poderoso; ambicionava mais... Bonaparte, tambem Consul e poderoso, ambicionou mais e fez-se imperador; Luiz Napoleão, principe e presidente de um grande paiz, tambem ambicionou mais e fez-se imperador... Por que não faria elle outro tanto ?...

II

Em 16 de outubro de 62 assumiu a presidencia da Republica.

Entrava nos planos de accentuação de sua autoridade ante o mundo civilizado uma grande guerra. O imperio do Brazil tinha a hegemonia da America do Sul. O Brasil era pois o inimigo natural.

Desde os primeiros dias do seu governo a preocupação da guerra o dominou; mandou desde logo construir na Europa tres couraçados e adquirir cincoenta canhões modernos. Tudo serviria de pretexto. O ultimatum do plenipotenciario brasileiro, Conselheiro Saraiva, ao governo da republica Oriental do Uruguay motivou do governo do Marechal Lopez o protesto de 30 de agosto de 64. Estava lançada a luva, e a 12 de novembro do mesmo anno, deu-se o apresamento, no porto de Assumpção, do *Marquez de Olinda* a cujo bordo seguia o Coronel Carneiro de Campos, novo presidente do Matto Grosso que morreu prisioneiro tendo soffrido as mais duras provações.

Após esse acto de hostilidade que nenhum principio autorisava, o Marechal rompeu as relações diplomaticas com o Imperio, com fundamento na occupação por forças imperiaes da cidade de Mello, capital do Departamento Oriental de Cerro-Largo, conforme reza a

nota do Ministro de estrangeiros D. José Berges ao Sr. Vianna de Lima, plenipotenciario do Brazil. Dois dia antes, 10 de novembro de 64, Lopez havia reunido no acampamento de Cerro Leon os notaveis de Assumpção, entre os quaes figuravam os personagens mais importantes da hierarchia civil, militar e ecclesiastica, e submetterá á consideração da assembléa pela ultima vez, a grave questão do momento. Pela undecima vez a selecta reunião manifestára unanimemente a affirmação de que a guerra era necessaria e imprescindivel. De entre todos, um homem apenas conservára-se reservado e silencioso, sem proferir uma palavra, se bem que houvesse adherido á resolução final da assembléa. Esse homem era o ministro das relações exteriores, D. José Berges, illustrado cidadão e o personagem de mais respeito e competencia nos negocios do Estado, era dotado de apreciaveis qualidades pessoais que lhe haviam grangeado a maior consideração no conceito de todos. Esse homem illustre que não se deixára arrastar pela vertigem sanguinolenta que transviava todos os espiritos nessa época sombria de sua terra, calava, profundamente commovido, no fundo da alma desolada de patriota, a certeza do desastrado insuccesso da temeraria empreza em que a nação ia ser caprichosa e cegamente empenhada.

D. José Berges havia sido plenipotenciario no Rio de Janeiro e conhecia perfeitamente os extraordinarios recursos de que poderia dispôr o Imperio na eventualidade de um conflicto internacional, e não duvidava do resultado inevitavel da campanha. Calou, porém, dentro do peito tudo o que o conhecimento real das coisas lhe dictava; conhecia tão bem a tenebrosa situação historica da sua terra que comprehendia que a manifestação sincera do seu pensamento, a externalização franca de seu conselho privaria por certo a nação de serviços que elle stoicamente considerava que lhe seriam muito precisos no periodo difficil em que

Renascença

ella ia entrar, para que os fosse comprometter sem proveito oppondo-se a uma resolução a que fatalmente arrastaria a desvairada exaltação dos animos. Lopez, porém, conhecia o modo de pensar do seu ministro.

É curioso saber-se agora que no correr da campanha o dictador processou e fuzilou todos os principaes funcionarios que lhe aconselharam a declaração da guerra e cujos nomes guardava cuidadosamente em uma lista, não excluindo mesmo seus dois irmãos e cunhados e o que é mais, o proprio D. José Berges.

Dissolvida a reunião, Lopez até alta noite, indeciso e preocupado, passeiou, completamente só pelos sombrios corredores do Quartel general. Nessas longas horas de tenebrosa meditação a cabeça febril do Presidente deveria ter sito theatro de uma luta desesperadamente travada entre a razão serena, calma e vidente e a ambição impetuosa, soffrega e desvairada. Uma circumstancia occasional determinou talvez a resolução desastrada de Lopez.

A madrugada o veiu surpreender na terrivel insomnia. O clarim da casa da ordem ressoou estridente e musical, levando os accordes matutinos ao dormido acampamento. Logo outros clarins responderam, e outros e outros ainda, e os tambores vieram juntar ao concerto original o acompanhamento monotono dos seus rufos marciaes. Em pouco, no meio dessa musica desencontrada, que succedeu ao longo silencio mortal daquella noite sem fim, o corpo de exercito formava-se em frente a casa em que, ignorado, velava o Presidente e as fanfarras marciaes estrugiram em meio dos vivas e acclamações enthusiasticas levantados ao general e que se foram repetindo, como o desdobramento de um echo fantastico, de divisão em divisão, de corpo em corpo, ás derradeiras linhas dos ultimos batalhões. Lopez, nesse momento, conteve com as mãos ambas no peito o coração palpitante.

O inesperado spectaculo acabava de lhe transviar a exaltação ambiciosa. A guerra estava resolvida.

III

Durante a longa campanha, Lopez teve occasião de desenvolver toda a energia e tenacidade de que era capaz uma tempera de ferro. Não foi propriamente um guerreiro; sempre se conservou fóra das linhas de combate e não dirigia pessoalmente a acção dos seus exercitos. E elle tinha razão para collocar a sua pessoa ao abrigo das contingencias da batalha. Realmente, concentrando em si todos os poderes da Nação, era o symbolo vivo do governo, encarnava todo o seu systema administrativo e uma vez supprimido o dictador ou desaparecido do theatro da guerra, estava tudo acabado.

Elle era sobretudo um audaz e um voluntarioso, de tal sorte que exercia entre seus subditos uma influencia dominadora e absoluta. Todos tremiam ao seu aspecto e ninguem ousava falar em sua presença sem ser interrogado. Cruel e sanguinario, era muito irregular nas suas affeições. Tão facilmente cumulava de honras e proventos a um obscuro soldado, como desautorava e rebaixava o mais prestimoso e reputado general. Desconfiava de todos, não acreditava na honra do cavalleiro, na lealdade militar. Tinha um numero muito pequeno de intimos; nunca fazia elogios aos soldados e officiaes e ostentava não ligar importancia alguma aos generaes. Nada communicava do que occorria de notavel nem permittia que qualquer pessoa, sem excepção, communicasse a outrem os successos de que tinha noticia ou fizesse a quem quer que fosse perguntas a respeito do que porventura soubesse.

No exercito apenas cumpriam-se, ás vezes mecanica e inconscientemente, as ordens do dictador e assim se explica como acontecimen-

Renascença

tos de grande importancia não se tornavam publicos e sobretudo não chegava noticia delles ao campo dos alliados sinão muito tempo depois de occorridos.

Mesmo sobre questões de detalhe, cujo conhecimento interessava á boa administração das forças, Lopez guardava a mais absoluta reserva. O chefe do estado maior não soube jamais a cifra exacta das forças effectivas do exercito. Desta e de outras circumstancias que Lopez queria conservar secretas apenas elle e mais um ou dois intimos tinham sciencia e se porventura qualquer dos seus generaes houvesse commettido a indiscreção de pretender devassar qualquer destes segredos, teria sido immediatamente fuzilado.

A essa atmospheria pesada, a esse regimen de terror que o Marechal infundia em torno de sua autoridade, correspondia uma obediencia incondicional e tacita que não era a subserviencia podre dos timidos e covardes porque era o fructo de uma educação religiosa absolutamente passiva e de um exaltamento patriotico levado ao delirio que faziam da pessoa do dictador a simultanea encarnação de Deus e da Patria.

Alguns factos se deram que pintam caracteristicamente a intensidade da força autoritaria do dictador. Certo dia, em 20 de julho de 65, Lopez ordenou a um dos generaes que fosse prender o general Robles, chefe superior da divisão do Sul e o trouxesse com segurança á sua presença.

— Que forças levo, senhor? perguntou o emissario que era o general Barrios, cunhado do dictador.

— Um ajudante de ordens e esta nota escripta, respondeu o Marechal entregando-lhe um pedaço de papel dobrado e lacrado.

O emissario partiu, embarcou no vapor «Igurei» e saltando no porto do Empredado dirigiu-se á tenda do general em chefe, que

ao avistal-o veio ao seu encontro de mãos estendidas.

— Alto lá, disse Barrios, entregando-lhe o papel, não aperto a mão a quem venho prender por ordem superior.

O general Robles, quebrou o sello da carta e leu tranquillamente a ordem do dictador. Achava-se elle no meio de trinta mil homens a que disciplinára e que lhe votavam uma dedicação extrema. Era á unica autoridade a que obedeciam havia tres annos, desde a formação do acampamento de Cerro Leon. Pois bem, terminada a leitura, o velho general, cheio de serviços e fadigas, tirou calmamente a espada do cinturão e a entregou ao companheiro. Ao outro dia, chegava á presença de Lopez e era fuzilado como réo de alta traição á patria.

Esse mesmo Barrios pouco tempo sobreviveu ao infeliz camarada. Era o cunhado de Lopez, então general de divisão e ministro da guerra e da marinha; na manhã de 12 de agosto de 68, apresentou-se elle, em S. Fernando, ao Presidente que estava escrevendo; cortejou polidamente e esperou a dois passos de distancia. Decorridos quinze minutos, Lopez, que não lhe havia correspondido ao cumprimento, levantou a cabeça e, fulminando-o com o olhar formidavel dos maus momentos, rugiu: — «Fil-o depositario de minha confiança, suppondo-o um leal servidor; estou persuadido de que você é indigno della. Retire-se de minha presença.»

Barrios, o homem então de mais importancia no exercito, tremeu dos pés á cabeça, difficilmente encontrou a porta e seguiu pela rua cambaleando como um ebrio. Em casa atirou-se como um louco á esposa, que era irmã de Lopez; segurando-a pelos cabellos, arrastou-a pelo chão, pisou-lhe o rosto com o tacão das botas até ensanguental-a toda e, deixando-a prostrada e desfallecida, degolou-se com uma navalha.

IV

Houve um official a quem o dictador sobre todos prezava e distinguia e que sempre se mostrou digno de tão grande confiança. Entretanto, si não houvesse morrido em 67, era pouco provavel que chegasse ao fim da campanha sem incorrer no desagrado de Lopez. Como quer que fosse, este teve especial estima por José Andrés Diaz, chefe de policia e capitão commandante do 40 batalhão de infantaria, quando a guerra foi declarada.

Diaz era um valente e destemido official, intelligente e perspicaz e talvez o unico auxiliar consciente do Marechal. Tinha 33 annos e levou para o campo de batalha todo seu entusiasmo de moço e de patriota. Foi uma das figuras proeminentes da campanha e praticou actos de verdadeiro heroismo em todos os combates em que entrou. Verdadeiro typo do hespanhol, visionario e audaz, ha um pequeno episodio curiosissimo que dá a medida de seu character arrojado e fogoso. Em fevereiro de 65, o Presidente, apoz uma visita que fez ao 40 batalhão, ha pouco organizado e disciplinado pela pericia e energia de José Diaz, como signal de satisfação pelo que viu, convidou o commandante para jantar em sua mesa, onde tambem se sentaram, entre outros distinctos officiaes, o coronel Barrios que chegara da expedição de Matto-Grosso, Francisco Sanchez, presidente do Conselho de Ministros e o major Estigarribia. Em meio da conversa, que era toda sobre a proxima campanha, o Marechal perguntou ao capitão Diaz se já tinha meditado algum plano de guerra e que o expusesse.

— Nenhum, senhor! respondeu o official, porque nada mais quero, senão conhecer o que V. Ex. tenha resolvido para o executar.

Lopes lisongeado com a resposta do seu subordinado, voltando-se para os officiaes, ob-

servou que eram elles os generaes de amanha e os depositarios de sua confiança; que apezar do alto apreço que lhe merecia a modestia de seus amigos e servidores, comtudo ouviria com prazer a opinião delles franca e sincera.

— Nesse caso, senhor! exclamou Diaz, erguendo-se, direi que o mais ardente anelo de minha vida seria receber de V. Ex. ordem para escolher sete mil homens do exercito e embarcando-os nos melhores vapores da nossa armada, tomar sem perda de tempo o rumo do Atlantico; passar pelo Rio da Prata, illudindo a vigilancia dos navios brasileiros surtos ali; apresentar-me á vista do Rio de Janeiro, no nono dia; penetrar na bahia á meia noite por entre os fortes cujos canhões não me fariam damnos; desembarcar, em trinta minutos, debaixo das maiores precauções, atravessar a cidade rapidamente, cercar o palacio de S. Christovão e cair sobre elle, arrebatando a familia imperial inclusive D. Pedro II; voltar para bordo trazendo bem guardada a minha presa e vinte dias depois entregal-a a V. Ex., nesta capital, de onde imporíamos a paz!

O assombroso projecto do moço desvaído foi ouvido em meio do maior silencio. Lopez, visivelmente commovido, ao terminar o capitão Diaz a incisiva narração, levantou o copo de Champagne e saudando o sonhador mancebo brindou ao patriotismo paraguayo. (1)

De um relance Lopez devia ter visto a

1 E' curioso saber-se que o A., apezar do senso critico que se lhe nota, tomou a serio o original projecto do capitão Diaz. Em seu livro o Sr. Godoi o commenta pela seguinte fórma: — Não podia ser mais transcendental o plano apresentado pelo commandante do 40, nem mais propriamente digno da sangrenta epopea paraguaya. Com a metade de sua gente que conseguisse desembarcar, não havia obstaculo humano que o impedisse de levar a termo, até o ultimo detalhe, seu arriscado commettimento. A vontade, energia e entusiasmo incontestaveis, ao lado da indiscutivel competencia — amplamente justificada na duração da guerra — auguravam presentimentos felizes quanto ao resultado do gigantesco pensamento. E si attendermos á qualidade da tropa encarregada de sua realização e que não existiam linhas telegraphicas, rédes de torpedos, nem encouraçados e que as baterias do Rio estavam artilhadas com canhões de systema velho, ainda admittindo o caso de que elle preferisse forçar a barra ao desembarque facil e simples na Praia Vermelha, Copacabana ou Gavea, — o exito não podia ser duvidoso. A experiencia, todavia, encarregou-se de comprovar nossa affirmação em época recente, por occasião da sublevação do sargento Silvino de Macedo em 29 de janeiro do anno passado (1892). A fortaleza de Santa Cruz, considerada inexpugnável, foi atacada, dominada e tomada á bayoneta por quatro companhias do 7º e 10 batalhões ás ordens do tenente-coronel Carlos Olympio Ferraz, e a ilha da Lage levantou a bandeira parlamentar, rendendo-se á descripção, ao primeiro tiro de canhão da esquadra:» (pag. 14.)

inexequibilidade do projecto allucinado do seu official; mas, certamente esse plano de se apoderar da pessoa do soberano brasileiro, cuja autoridade e prestigio o dictador tanto ambicionava ferir e abalar, deveria ter emocionado profundamente a vaidade do orgulhoso caudillo. D'ahi, desse simples facto, talvez proviesse a grande afeição que consagrou a Diaz, em quem aliás sempre encontrou a mais dedicada resolução para todas as empresas que fantaziava a illusão em que entretinha o espirito do General a côrte adúladora e imprevidente que o cercava.

«Assim é que Diaz vai apparecendo sempre em todas as mais notaveis peripecias da guerra, successivamente promovido, até que apoz a sanguinolenta batalha de 24 de maio de 66, (1) *Tuyuty*, para os alliados, *Estero Bel-laco*, como a chamam os paraguayos, o vemos elevado ao alto posto de general de brigada.»

A esse tempo já a fama levava aos quatro cantos do paiz o nome glorioso do valente soldado. Era o mais popular dos guerrilheiros de Lopez e a chronica dos seus feitos, engrandecidos pela ardente imaginação popular era repetida com enthusiasmo de bocca em bocca. Entretanto, depois que José Diaz se viu general, foi que manifestou em sua plenitude as raras qualidades de homem de guerra. Posto que sempre gozasse de confiança absoluta do Marechal, a inferioridade da patente em relação a outros com quem servia, embaraçava-

lhe a externalização completa do seu pensamento e tirava-lhe toda a iniciativa fóra daquillo que lhe era especialmente commettido. Só depois que entrou para o quadro dos officiaes gene-taes é que se sentiu com inteira liberdade e autoridade para intervir nas combinações de importancia e emittir franca e desassombradamente suas idéas. Breve seu conselho tornou-se necessario em todas as deliberações, e em Passo-Pocú houve momento em que exercia de facto a superintendencia geral dos exercitos em operações. Apénas elle e o coronel Aveiro eram os conhecedores dos mais pequenos detalhes da situação, guardados por Lopez no mais meticoloso sigillo. Encontrava-se quotidianamente com o Marechal, quasi sempre a horas tardias da noite. Era elle quem levava ao chefe a parte official das derradeiras noticias, omittidas nas communicações telegraphicas. Penetrava na tenda sem formalidade alguma, nem previo aviso, apenas apeava do cavallo com as armas na cintura e o chicote de prata pendente do pulso, chegando, si Lopez já estava recolhido, até a rede em que elle na campanha repousava sempre. Mas, era o unico que gozava de semelhante liberdade, como tambem era o unico que conversava com o dictador sobre os acontecimentos da guerra e o unico que em algumas occasiões ousava emittir observações em sua presença.

Lopez, por seu turno, confiava-lhe as mais intimas confidencias. Foi com Diaz que se entendeu após a memoravel conferencia que, em Yataity-Corá, teve com Bartholomeu Mitre, presidente da Confederação Argentina e então Generalissimo dos exercitos alliados.

(Continúa.)

Rodrigo Aveiro

1 A respeito dessa importantissima batalha, assim se exprime o A : « A batalha de 24 de maio foi das mais sangrentas de toda a guerra e seu resultado um completo desastre. Cinco horas consecutivas de furiosa e desigual peleja quasi exterminaram o exercito de Lopez, que teve cinco mil mortos e sete mil feridos enquanto as perdas aliadas chegaram apenas á metade. Os chefes superiores das tres divisões paraguayas tinham commando independente, o unico porém, que cumpriu irreprehensivelmente o seu dever, porque esgotou os recursos desesperados de sua actividade e energia, foi o coronel Diaz que dirigiu pessoalmente os seus batalhões, combatendo ao lado do ultimo de seus soldados. O general Resquin, que commandava a ala esquerda; se portou covardemente, desaparecendo desde o primeiro momento da acção—sem dar uma só ordem—e sem que os ajudantes dos commandantes de brigads que solicitavam instrucções delle, conseguissem descobrir o seu paradeiro. Lopez rugiu de colera ao ter conhecimento disso, e o manifestou em termos duros, e si não fuzilou o general, foi unicamente porque seu cunhado, o general Barrios, merecia a mesma pena pela supina inepcia com que se havia portado na ala direita. Além disso, o feito de armas de Tuyuty foi o maior erro do Marechal Lopez. » — (pag. 32.)

FAUSTOS E GLORIAS DE PERNAMBUCO

(Continuação do n. 53)

Aconselhou também que a Companhia não apertasse aos lavradores, exigindo-lhes immediatamente o que lhe deviam, mas desse-lhes um prazo para que fossem pagando com uma parte das safras.

Bem se pode ver pelo testemunho de Mauricio que os pernambucanos tinham naquella época sobrej os motivos de descontentamento contra o dominio hollandez.

Fr. Manoel Calado, por exemplo, apresenta varias queixas contra abusos e oppressões das autoridades hollandezas contra os moradores de origem portugueza e que foram causa da insurreição. Vejamos algumas dellas:

Affirma o autor do *Valeroso Lucideno* que os escultetos, fiscaes e alguazis faziam extorsões de dinheiro prendiam sem motivo justo e exerciam toda especie de tyrannia contra os Pernambucanos, maltratavam os seus padres, accusando-os de incitarem os pernambucanos á revolta.

Diz que os lavradores eram obrigados a plantar mil covas de mandioca, tendo para attender a tal imposição de abandonar um tanto o producto, que lhes dava maior interesse, o assucar.

Os devedores da Companhia haviam de lhe entregar todo o assucar de seus engenhos, mas os que nada lhe deviam eram de tal forma aggravados por impostos ao mandarem o seu producto para a Hollanda, que quasi não valia a pena fazel-o. Eis como refere o dito frade tudo que era forçoso pagar por uma caixa de assucar:

«Primeiramente os que mandavão caixa ao Arrecife em carros, logo á porta lhe sahia hum tropa de mariolas, a quem elles tinhão dado o tal officio, chamados trabalhadores, os quaes puxavão com cordas, e tirando as caixas dos carros dos moradores as punhão nos seus, e as levavão á praça do mar, levando dous reales por cada caixa; logo levavão hum tanto da balança, aonde se pezavão; logo outro tanto ao esmador da tara, e ao alvidrador do peso, que podia ter a madeira de que a caixa era feita; logo hum tanto da entrada, e outro tanto da sahida; logo hum tanto de avarias, e outro tanto da licença para poder embarcar; logo hum tanto de tributo, a que chamão *recognitie*; logo hum tanto de huns pannos breados, com que estas caixas se cobrião em quanto as não embarcavão, por estarem resguar-

dadas das inclemencias do tempo; logo outro tanto aos trabalhadores que as chegavão a bordo; logo finalmente os fretes que erão excessivos; e assim era necessario embarcar hum morador seis caixas para lhe chegar hum livre a Olanda, e ainda lhe davão suas ordens para que em Olanda se vendesse a arroba de assucar dos particulares, tres e quatro *grossos* menos que as da Companhia.»

Nieuhof, celebre viajante hollandez, autor de importante obra sobre a America e Indias Orientaes e que esteve alguns annos em Pernambuco a serviço da Companhia das Indias Occidentaes, assim expõe a situação do Brasil Hollandez de 1641 a 1645:

Em Junho de 1641 o governo do Recife recebeu a noticia do tratado de treguas por 10 annos entre a Hollanda e Portugal, que foi logo communicada a todas as capitancias, cessando as hostilidades de ambos os lados.

O Supremo Conselho aproveitando esse intervallo de paz, procurou promover a agricultura auxiliando aos habitantes sem olhar a nacionalidade, e o resultado foi a prosperidade da lavoura.

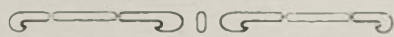
O commercio assistido igualmente por medidas criteriosas tornou-se florescente e as finanças da Companhia foram restauradas. Construíram predios de valor no Recife e em Mauricia, e houve grande abuso do credito, todos confiados nas boas condições do commercio e da lavoura.

Mas já no principio de 1643 tudo isso começou a ficar transtornado, pois os armazens da Companhia ficando exhaustos pelas diversas expedições contra Angola, etc., e não tendo recebido provisões de Hollanda, em lugar daquellas, como costumavam fazer antes, o resultado foi que o Supremo Conselho viu-se obrigado a cobrar as dividas da Companhia para pagar ás guarnições e funcionarios e exigir prompto pagamento dos devedores.

Accresce que da Hollanda vinham pedidos urgentes dos commerciantes aos seus agentes para que lhes mandassem a importancia da venda das suas mercadorias, o que fez a praça do Recife ficar em grande falta de numerario.

Quando os tres novos conselheiros Henry Hanel, Codde e Bullestraten chegaram ao Recife encontraram os moradores, especialmente os portuguezes, muito individadados pelas compras dos enge-

Homens e cousas do Paraguay



SOLANO LOPEZ E JOSE DIAZ

(Conclusão)

PELA meia noite de 12 de setembro fez Lopez chamar com urgencia o seu valido ao quartel-general. O Presidente estava sentado em frente á mesa de trabalho, completamente só e absorvido na mais profunda meditação; constantemente entregava-se a essas longas concentrações, que duravam horas, ou sentado, immovel em uma cadeira, ou passeando automaticamente ao comprido de uma sala. Diaz penetrou no alojamento, fez ao Marechal a continencia devida e conservou-se a dois passos de distancia, o seu kepi na mão. Lopez, com a intimidade que só se permitia com o antigo commandante do 40, narrou ao general a entrevista com Mitre, os pensamentos que o tinham levado a sollicital-a, e as disposições que trazia desse encontro original.

N'um momento de reflexão previdente Lopez conseguira furtar-se á illusão enganadora em que o fazia viver uma côrte viciada de aduladores sem coração. Poude bem avaliar a gravidade do momento pela rememoração de alguns dos desastres irremediaveis que já o tinham victimado. A perda dos doze mil veteranos nas mãos de Estigarribia e Duarte; a ruina da esquadra no combate naval do Riachuelo; o desbarato quasi total do exercito na batalha campal de 24 de maio e agora a to-

mada de Curuzú pelo valoroso Barão de Porto Alegre.

A consciencia amortecida do dictador foi subitamente illuminada pela situação difficilima em que se achava. Bem via que real perigo corraera após a acção de 3 de setembro. Si Porto Alegre, animada pela esplendida victoria, talvez o triumpho de maior transcendencia das nossas armas depois da passagem do Paraná, tivesse continuado a avançar com as forças que lhe restavam, teria surpreendido o dictador pela rectaguarda, dominado todas as suas fortificações e abreviado consideravelmente a guerra, si porventura lhe não desse termo.

Ao espirito de Lopez apresentou-se nitidamente o aperto da situação; o dictador resolveu provocar uma conferencia com o general em chefe dos exercitos alliados e propor-lhe um accordo.

Alimentava intimamente a esperanza de conseguir arredar do theatro da guerra Mitre e o exercito Argentino, rompendo-se assim a triplice alliança e ficando apenas elle em luta contra o Imperio que lhe merecia um odio implacavel. Em todo o caso, si nada obtivesse na conferencia, teria sempre ganho algum tempo para completar as fortificações de Curupaity.

Acceitando o generalissimo a conferencia, a que aliás não quiz comparecer o general Polydoro, então chefe das forças brasileiras, foi designado para sua realização o dia 12 de setembro, ás onze horas da manhã, no lugar denominado Yataity-Corá, entre as guardas avançadas dos dois exercitos. Nessa manhã, ás 7 horas, Lopez, tomou a sua carruagem e acompanhado de um piquete de vinte e cinco homens da sua escolta e de um luzido e numeroso estado-maior de chefes e officiaes, dirigiu-se ao lugar da entrevista. Em Passo-Gomez tomou o seu feroso cavallo branco e galopou só pela campina, mas não antes de haver com o binoculo percebido na orla de um capão, a dois kilometros afastados, a sombra de um contingente de homens.

Realmente, precaução machiavelica, mil soldados destacados do mais selecto das suas forças e municiados com cem tiros cada um, tinham sido collocados, a meia noite, sob o maior silencio, em ponto strategico e promptos ao primeiro signal.

A conferencia foi extremamente amistosa. A principio o general oriental esteve tambem presente. Mas Flores não quiz ouvir as recriações que Lopez lhe fazia de haver accedido o concurso estrangeiro para invadir o territorio de sua patria e depôr o governo legal, responsabilizando-o pela triplice alliança e pelo sangue que se estava derramando. O valente caudillo não levantou a discussão e, tomando o seu cavallo, seguiu em direcção ao acampamento de suas forças. Ao retirar-se D. Venancio Flores, Lopez, fixando a attenção, percebeu que um numeroso destacamento argentino fazia exercicios militares nas cercanias do Yataity-Corá e comprehendeu que seu adversario tambem tomara as precauções de que elle não se havia esquecido.

O dictador se havia apresentado vestido na mais rigorosa etiqueta: casaca bordada de Marechal, botas de verniz, espada com os copos

cinzelados de ouro, e um ponche de seda tricolor ricamente bordado. Mitre tinha apenas uma blusa militar sem galões, um chapéo desabado de feltro e uma espada commum.

A conferencia prolongou-se e aquelles dois homens, ambos na culminancia do poder mas provindo de origens tão diversas, de caracter e tendencias tão desharmonicas, de sentimentos e costumes tão radicalmente oppostos debateram por cinco horas a paz e a guerra, rememorando os incidentes que determinaram as hostilidades e o direito positivo de cada um dos estados belligerantes; as offensas, os agravos, as provocações que se trocaram de parte a parte; os actos irregulares, violadores do direito das gentes e das leis da guerra que levaram ao tratado da Triplice Alliança, pacto solenne garantido pela fé publica das nações contratantes e que de modo algum poderia ser quebrado sem previo e commum accordo. Em todo o caso Mitre chegou a apresentar a possibilidade da paz assentando na separação definitiva de Lopez do governo e da terra paraguaya.

— Isso só me imporão, atalhou com vivacidade o dictador, sobre a minha ultima trincheira, nos confins de minha terra !...

Finda a conferencia, consignaram a noticia della em um *memorandum*, escripto em tres vias pelo coronel Alem, antigo chefe da secretaria de Lopez; ao se separarem, depois de phrases de amavel cortezia, Mitre accitou um calice de rhum que o dictador lhe offereceu e, saudando a proxima terminação da guerra, trocaram os rebenques de uso em lembrança do memoravel acontecimento.

V

Penetrando no alojamento do Marechal, Diaz veio interromper uma profunda meditação que já durava horas. Depois da entrevista em que se mallograram todas as suas perspectivas, Lopez, tinha inexoravelmente tomado a

resolução desesperada de lutar até o ultimo instante e succumbir por fim, mas depois de aniquillados completamente os seus exercitos, morto o ultimo soldado, postas em ruinas todas as cidades e aldeias de sua pobre terra, refugiado com todos os habitantes que lhe restassem, mulheres e creanças, nos mais longinquos páramos desertos onde não houvesse ainda pisado a planta humana. Com Diaz conversou por longo tempo e sobre tudo lastimava que Mitre houvesse entrado em accordo com o Imperador em relação a politica internacional. Nada mais pois, havia a se esperar d'elle, a cujo respeito, verificava agora, quanto se tinha illudido. Sentia profundamente que o general argentino o privasse da gloria de levar a termo o grande ideal do libertador Simão Bolivar, expellindo para o outro lado do Atlantico a unica testa coroada que maculava a democracia americana e o que o general Alvear não tinha conseguido fazer na memoravel acção de Ituzaingo. Por fim, Lopez referiu a Diaz que Mitre lhe havia annuciado para antes do fim da semana, como elle já havia previsto, (1) um ataque decisivo por terra combinado com as forças navaes, e o encarregou de activar e dirigir pessoalmente as fortificações de Curupaity.

Não se havia enganado Lopez. As forças alliadas, a 22 de setembro, dez dias apoz a conferencia de Yataity-Corá, offereceram a formidavel batalha a que as fortificações de Diaz conseguiram oppor uma resistencia invencivel. Foi uma acção sanguinolenta e desastrada em que o stoico heroismo das nossas forças valorosamente succumbiu nas muralhas de Curupaity que vomitavam fogo incessante. As valentes hostes alliadas chegavam por entre a mortalha mortifera até os fossos principaes das fortificações para serem exterminadas pela intensa linha de fuzilaria das trincheiras, e era hor-

rivel de se ver a loucura sagrada dos officiaes e simples soldados disputando á porfia os postos de maior perigo com ostentação sublime de valor inexcedivel e de desprezo pela vida.

Si no espirito do Marechal houvesse a comprehensão perfeita do patriotismo, após a victoria que suas forças tinham alcançado a 22 de setembro, elle por certo iria tentar a paz, talvez possivel dentro dos termos esboçados por Mitre. Mas Lopez preferia o exterminio da Patria, o sacrificio infecundo de todos os seus concidadãos, a despir-se do poder absoluto que usurpava á nação, abandonando o governo e retirando-se para o estrangeiro como um simples mortal.

Continuou a luta desesperada e sangrenta até que a morte o alcançou tambem nos areas inhospitos de Aquidaban.

VI

Depois da funesta acção de Curupaity, quatro mezes decorreram sem que nenhum novo ataque fosse tentado de parte a parte. Apenas a esquadra brasileira não cessava os formidaveis bombardeios, tendo havido dias em que lançou mais de quatro mil projectis sobre as fortificações paraguayas. O general Diaz costumava galhofar desse fogo continuo, e, apregoando a inocuidade do divertimento dos brasileiros, affrontava, sentado nas muralhas das fortificações bombardeadas, a chuva das mortiferas granadas que cahiam por toda a parte e que elle dizia inoffensivas e imprestaveis mesmo para dar lume ao seu cigarro.

Na manhã de 20 de janeiro de 67, em companhia de alguns ajudantes embarcou o arrogante official em uma pequena canôa e foi pescar no rio Paraguay nas proximidades de Curupaity que a esquadra bombardeava. Logo que a canôa foi vista, de bordo de um dos navios brasileiros rebentou o fumarada de um tiro e um projectil enorme explodiu sobre a embarcação que espedaçou, ferindo gravemente a

1 Sabemos que o Sr. General Mitre contestou esse topico do livro do Sr. Dr. Godoi, pela imprensa platina.

Renascença

dois officiaes e arrojando Diaz no meio da corrente. Salvo pelo seu ordenança José Cuti, foi o general, tendo na perna direita grave ferimento, levado á sua barraca. Lopez, logo que teve sciencia do desastrado successo, fez cercar o amigo de todos os cuidados medicos, entregando-o ao Dr. Skinner, o melhor cirurgião do paiz, que procedeu a amputação da perna ferida. Logo que se tornou possivel foi Diaz trasladado em carruagem para o quartel general, em Passo-Pocú, onde foi tratado com especial attenção, aos olhos de Lopez que velava horas inteiras junto do seu leito. Duas semanas se passaram na alternativa da esperanza e da duvida. Ao fim desse tempo porém, graves symptomas sobrevieram e a morte tornou-se inevitavel.

Aos 7 de fevereiro, pediu o moribundo que o deixassem só com o fiel Cuti, que ainda lhe não havia abandonado a cabeceira um só instante. Ao velho ordenança communicou suas disposições de ultima vontade, recomendando que no caixão funebre collocasse no lugar proprio, a perna amputada que havia sido convenientemente embalsamada. Dadas todas as instrucções ao caboclo, pediu que o vestisse todo com a farda de general e logo que foi satisfeito esse desejo mandou chamar o marechal. Lopez compareceu immediatamente e, alguns minutos depois, Diaz expirava, tendo communicado ao seu amigo e senhor que ordenara ao sargento Cuti que depois dos seus funeraes lhe fizesse entrega da espada que elle ainda trazia á cinta. Havia sido presente de Lopez, apoz a batalha de Corrales e elle a tinha desembainhado em 2 e 24 de maio, em Sauce, em Curupaity. Era tudo o que possuia.

Seu ultimo desejo foi despedir-se do exercito que devia desfillar ante seu corpo, logo

em seguida á sua morte. Lopez porém, contrariou essa posthuma vontade, com o intuito, talvez, de occultar o desaparecimento do prestimoso guerreiro, como systematicamente costumava fazer em relação aos mais notaveis successos da campanha.

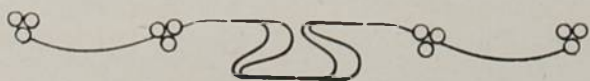
A's duas horas da madrugada foi o corpo do general transportado a hombro até Humaytá, seguindo pelo rio para Assumpção, onde lhe foram feitos os mais solennes e opulentos funeraes que jamais se realizaram naquella terra. Nem egual os haviam tido o dictador Francia e o presidente Carlos Antonio Lopez.

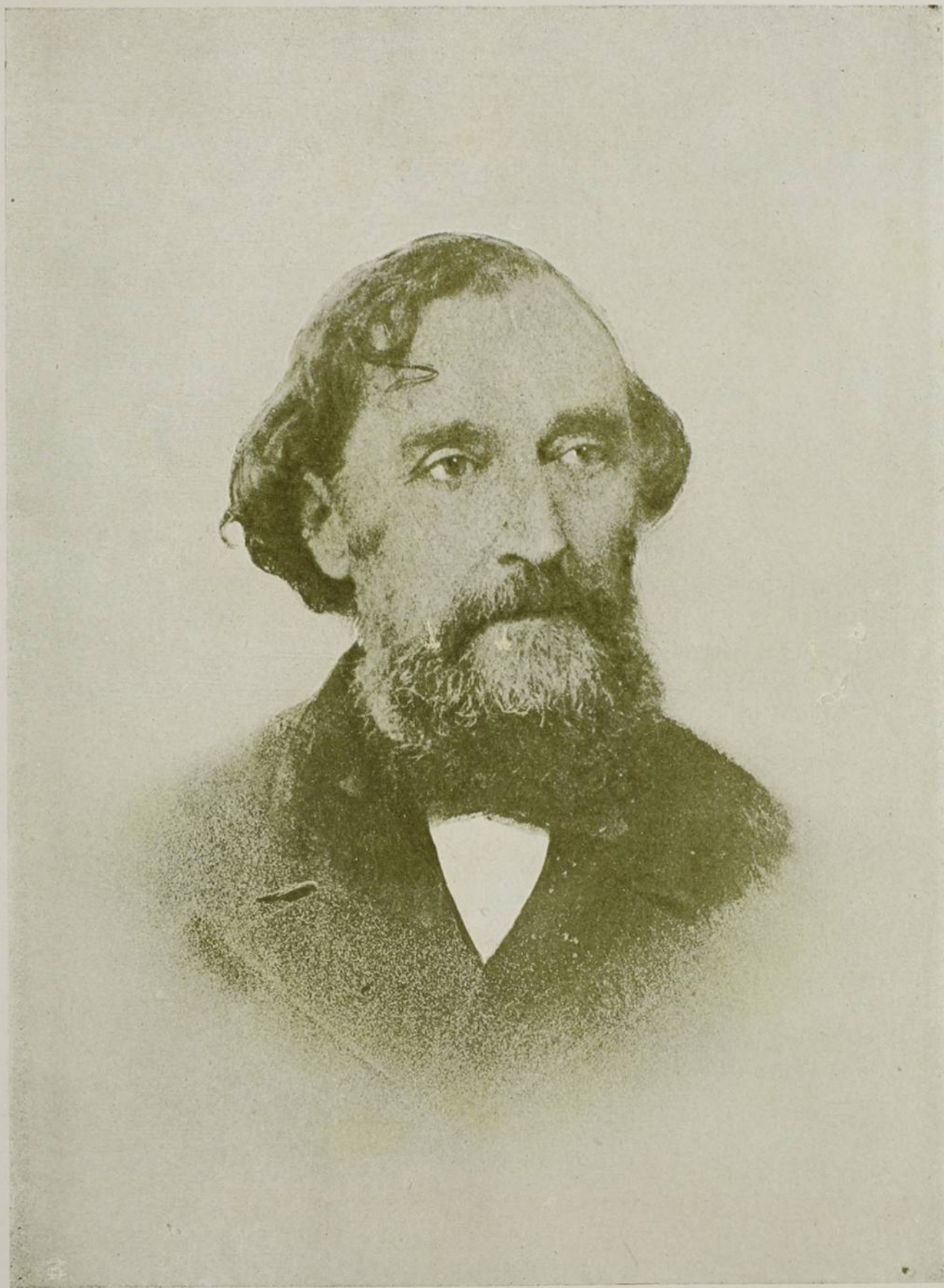
Conta-se que as forças alliadas quando entraram triumphantes em Assumpção, apoz cinco annos de um pelear sem treguas, entregaram-se aos mais condemnaveis excessos, não respeitando mesmo o sagrado retiro em que repousam os mortos.

O mausoléo que recolhia o corpo do legendario caudilho foi porém, religiosamente respeitado. A soldadesca embriagada pela victoria, na sua infrene destruição, não ousou tocar no sarcophago do valente inimigo. Posteriormente porém, esse monumento funebre que havia merecido o respeito de adversarios triumphadores foi profanado irreverentemente pelo proprio governo do Paraguay.

D. Caudido Barreiro, quando presidente, fez abrir o mausoléo sagrado e nelle collocou, junto ao corpo do morto batalhador, o cadaver de Francisco Lino Cabriza, um sicofanta..

Rodrigo Azeiteiro

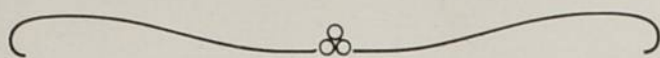




BARTHOLOMÉ MITRE



BARTHOLOMÉ MITRE



N O contexto d'essa obra prima com que o genio de Herbert Spencer rematou o seu magestoso monumento philosophico; nas paginas soberbas d'esse livro em que o philosopho synthetisa a Moral da vida social, definindo com a precisão do sabio o conceito da Justiça, verifica-se que, iniciando a corrente de observações pela moral animal, por este instincto embryonario dos seres inferiores, no qual vislumbra-se apenas as manifestações elementares de uma consciencia moral, transitando gradativamente para a justiça sub-humana em que nos primeiros ensaios da vida de relação, os seres gregarios deixam entrever o esboço de uma consciencia juridica, penetra afinal na esphera positiva da justiça humana e, n'uma gradação de menor para maior, n'um admiravel *crescendo*, expondo-lhe o sentimento, revelando-lhe a idéa, determinando-lhe a formula, precisando-lhe a autoridade, percorre a gama das faculdades humanas, traçando-lhes em torno um cyclo parallelo em que se tem necessariamente de mover a esphera do direito, percorrendo-lhe a orbita e gravitando fatalmente para esse fóco : a Justiça.

N'essa demonstração logica, em que á observação dos phenomenos e á comparação dos objectos succedem a abstracção e a inducção das leis, o profundo philosopho explana em admiravel sequencia logica a aquisição progressiva dos direitos correlativos á manifestação de cada uma das faculdades vitales da humanidade, desde o direito á integridade phisica, até ao da moção e locomoção natural; desde o direito ao meio ambiente e em geral ao uso dos meios naturaes, até ao direito de propriedade corporea e incorporea; desde o direito de legar e de testar, até ao de contractar e permutar; desde o direito á liberdade do trabalho até ao da liberdade de consciencia e de manifestação do pensamento; desde o direito da mulher na communhão social, até ao do menor á protecção tutellar do Estado; até, finalmente, meus senhores, aos direitos politicos, em que se

concretisam os elementos da soberania, da qual cada individuo representa uma parcella, mas um factor effectivo no concerto complexo da vida em sociedade.

Terminando ali o percurso da zona extensa das relações humanas, definindo o eminente philosopho as relações do direito, parece ter propositamente estacado ante as columnas de Hercules que guarnecem o portico mysterioso do Templo da morte.

Demonstrando com genial clarividencia toda a acção da Justiça na larga peregrinação do genero humano, absteve-se de transpôr o limite da vida para acompanhar-lhe as pegadas em sua missão sobre-humana, nas regiões de Alem-tumulo.

Não é que lhe assaltasse o animo o pavor sagrado de suas sombras, tão familiares ao espirito do philosopho em suas locubrações transcendentaes; mas, no conceito do sociologo, preponderou a idéa de que a Justiça da Historia já transpõe a raia das relações da sciencia, para penetrar a esphera sagrada do Culto.

Não comporta a clave em que vibram as notas da gamma da harmonia social, a symphonia mystica inspirada pela Verdade Eterna para perpetuar a Justiça da Historia.

A sua orbita não se restringe á conquista das reparações; eleva-se ao phenomeno sobre-humano das resurreições: não se limita a divisões perimetricas ou a periodos chronicos; abrange os fastos humanos no espaço e no tempo, na vastidão do Cosmos e na duração dos Seculos.

E é graças ao seu prestigio que a Humanidade vê fulgirem no Pantheon de sua immortalidade os gloriosos perfis de seus Redivivos, arrancados ao olvido da indiferença egoistica ou ás tramas perfidas das paixões, da inveja, do odio, do preconceito ou do fanatismo desvairado.

E' ao inefavel clarão de sua luz celestial que a Humanidade pode ver em sua radiante nitidez todos os grandes acontecimentos, todos os

Renascença

grandes feitos, e todos os grandes factores de sua historia, da destruição de Troya á construcção de Roma e da construcção das Pyramides á destruição de Pompeia; da expedição dos Argonautas á retirada dos Dez Mil e do Exodo Mosaico á Emigração dos Barbaros: das guerras Médicas ás guerras Punicas; das conquistas do Macedonio ás jornadas de Cezar; do golpe de lança que feriu Archimedes, ao do punhal que prostrou Julio Cesar; do suicidio stoico de Socrates ao suicidio heroico de Catão; do alvorecer das Bellas Artes com Phidias e Praxiteles, até á Renascença com Miguel Angelo e Leonardo da Vinci, com Raphael e Ticiano; da mendicancia sacrilega de Homero, á mendicancia sacrilega de Camões; das especulações philosophicas de Aristoteles até ás de Descartes; das observações cosmicas de Copernic e de Galileu, até ás de Humboldt; das investigações scientificas de Hypocrates até ás de Xavier Bichat; da descoberta da agulha imantada pelos primitivos navegadores chinezes, até a da calamita por Flavio Gioca; da exploração dos mares pelas triremes phenicias, até as expedições de Marco Polo; da descoberta de Colombo ao trajecto transoceanico de Fernando de Magalhães; do papyro chinês á imprensa de Guttemberg; do Codigo de Manú ao Codigo de Justiniano; do Pentateuco Mosaico até ás Epistolas Edificantes do Apostolo de Tharso; da tragedia divina que envolvendo em trevas o Universo, fez surgir de seu seio, como o clarão de uma aurora regeneradora, o vivificante sol do Christianismo, mensageiro da Eterna Verdade dos Evangelhos, até á tragedia humana que fazendo desencadeiar sobre as tyrannias dominantes a procella desabrida das oppressões mal contidas, só amainou para deixar navegando em mar de sangue a nave alviçareira, ostentando na mesena o pavilhão dos direitos do homem e buscando o porto da liberdade entre os destroços fluctuantes das velhas instituições derrocadas!

Como é sublime o sacerdocio de distribuir a justiça da Historia e como é grave a responsabilidade de distribuila a seres superiores!

★

Uma das superiores compleições que tem surgido, não direi em sua Patria, mas no grandioso continente americano, é, sem contestação,

a do que, após uma accidentada e proficua existencia de 85 annos, acaba de abrir um grande claro nas fileiras do nosso Instituto.

Não é reduzida a pleiade dos vultos extraordinarios que das grandiosas regiões do Novo Mundo se tem evolado para os gloriosos paramos da Historia.

Washington ou José Bonifacio, Simon Bolivar ou San Martin. O'Hyggins ou Benito Juarez symbolisam cada um uma grande nacionalidade por elles architectada, libertada ou consolidada.

E é mister percorrer uma existencia de alto valor, e quiçá de heroismo, para inscrever seu nome entre os d'esses heróes.

Pois bem, meus senhores, D. Bartholomé Mitre é sem contestação um dos que impõem o seu a esse registro glorioso.

Na historia de sua patria sobretudo, sem injuria aos manes de Belgrano, de Alberdi ou de Sarmiento, póde-se assegurar que, após o perfil heroico do libertador de La Plata, nenhum outro se impõe com melhor direito á gratidão nacional. « Creo como Ud., diz um de seus mais notaveis discipulos, que Mitre será considerado por la historia el primer hombre de la patria y que ninguna vida ha sido mas beneficosa para la misma Leon Soares, Bartholomé Mitre, por J. J. Biedma. Buenos Ayres - 1900.

D. Bartholomé Mitre, filho de D. Ambrosio Mitre e de D. Josefa Martinez Mitre, nasceu em Buenos Ayres a 26 de Junho de 1821, sendo levado á pia baptismal pelo vencedor de Cerrito, o general Rondeau, que, ao morrer, constituiu-o herdeiro universal de sua fortuna, consistente em sua espada e no autographo de suas memorias ineditas.

Tendo recebido a primeira educação ministrada por seu pai, foi depois por este confiado ao tirocinio do trabalho agricola de D. Gervasio Rosas, estancieiro em Rincão de Lopez, de onde retirou-se desgostoso pela afanosa tarefa a que era obrigado.

Tendo-se sua familia estabelecido na Republica do Uruguay, então de recente fundação, foi seu pai nomeado thesoureiro geral pelo governo provisorio estabelecido em Canelones. Rompendo porém o motim militar de 1832, que elevou ao posto supremo o general Oribe, foi perseguido até 1838 até a batalha de Palmas, que, mudando a face das cousas politicas, foi o velho Mitre re-

Renascença

posto em seu lugar pelo presidente D. Fructuoso Rivera, que em 20 de Fevereiro de 1839 nomeou o joven Mitre alferes de artilheria de linha.

Conjunctamente com seus deveres militares, alistou-se logo na legião da imprensa, collaborando no *Nacional* com Luiz Dominguez e em *El Talisman* com Rivera Indarte, centro então de todas as novas aptidões intellectuaes.

A esse tempo achou-se toda a região platina sob o guante ferrenho do celebre dictador de Entre-Rios; e Echagüe, á frente de um exercito, invadiu a Republica Oriental. No momento de hesitação covarde que dominou muitos argentinos, o joven Mitre parte resolutamente para a guerra, e tem a gloria de ver Echagüe derrotado pelas forças de Rivera em Cagancha, refugiar-se em Entre-Rios.

Tendo, porém, na embriaguez do triumpho, este general invadido em 1842 a provincia de Entre-Rios, ahi teve de enfrentar com as forças superiores e disciplinadas de Rosas, foi Rivera, apesar de seu heroismo, derrotado, tendo o joven capitão Mitre de voltar a Montevideo sob a pressão da derrota.

Essa derrota determinou a invasão de Montevideo pelo celebre caudilho Oribe, tendo organizado a defesa da praça o general Paz, sob cujas ordens correu Mitre a alistar-se, tendo sido o seu primeiro canhão disparado nos campos de Christo.

Pois nesse periodo angustioso de luctas diarias, Mitre teve fibra para collaborar activamente na imprensa, nas columnas da *Nova Era*, do *Nacional* e do *Iniciador*, e o que é mais! para traduzir o *Ruy Blas* de Victor Hugo, redigir um compendio de artilharia pratica e ser um dos fundadores do *Instituto Historico Nacional*!

Em 1 de Abril de 1846 os invasores de Rosas deram o grito de «Mueren los porteños!», investindo contra os emigrantes argentinos, immolando os bravos Estivao e major Vedia, tendo sido salva a legião de argentinos, graças á resoluta attitude do general Gelly y Obes, sendo Mitre forçado a evadir-se para a Bolivia.

Ahi, reebido gallhardamente pelo presidente Boliviano, que o nomeou commandante do Collegio Militar, viu contra este rebentar uma revolução, seguindo para o campo de batalha em sua defesa. Tendo, porém, triumphado a revolução, foi banido para o Perú, que, atravessando tambem

periodo revolucionario, o repelliu, indo procurar a hospitalidade do Chile.

Em sua permanencia nessa Republica, diz Palemon Huergo, sempre dominado por sentimentos progressistas e democraticos, publicou varios trabalhos litterarios e politicos, atacando a instituição obsoleta dos Maiores e a intolerancia religiosa. Isso determinou tal impressão no animo popular, que foi Mitre obrigado a abandonar o territorio chileno.

A esse tempo, porém, já soava na patria o clarim auspicioso, precursor do triumpho de Monte Caseros, e Mitre correu sem detença a alistar-se no exercito de Urquiza, que levantara a bandeira da libertação contra o dictador Rosas.

Não me deterei sobre esta campanha de que o nosso Brasil foi *magna pars*, senão para assignalar que essa sympathia que ligou sempre o espirito de D. Bartholomé Mitre á nossa patria, tornou-se indissolúvel por ter por base a communhão das idéas de liberdade e de justiça.

Derrocado porém o dominio do tyranno, o mesmo Urquiza, que em 4 de Fevereiro de 1852 firmara uma proclamação em que offerecia a amnistia absoluta para unificação da Republica, fazia, em Palermo, ás portas da cidade redimida, fuzilar cruelmente os soldados de Rosas, e entre elles o coronel Martiniano Chilavert, provocando um protesto vehemente e viril por parte de Mitre, em face do proprio Urquiza.

Assumindo assim attitude de franca hostilidade contra esse caudilho, teve a gloria de ver afinal restaurado em Buenos Ayres, em toda a Republica o regimen da liberdade com o governo de D. Valentim Alsina; e quando a confiança de seus concidadãos o collocou no posto do mando supremo de sua patria, realizar definitivamente a sua unificação constitucional.

Nesse periodo foi o territorio argentino invadido pelo dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopez, determinando a formação da triplice alliança contra as suas pretensões autocraticas na politica sul-americana.

Não é occasião de folhear algumas das paginas d'essa epopéa em que as armas brasileiras poderiam ser cantadas em uma Illiada dos tempos modernos; lembrarei, todavia, que foi no periodo em que pelo tratado coube o commando em chefe ao general Mitre, que se feriu a mais extraordinaria batalha da America do Sul a 24 de Maio de

1866, tendo á sua frente o legendario vulto de Manoel Luiz Ozorio.

Nas luctas militares, como nas politicas, nos torneios litterarios como nos diplomaticos, affirmou D. Bartholomé Mitre sua grande superioridade, impondo-se á veneração de seus compatriotas e á admiração universal. Guerreiro, elle fulge gallhardamente nas campanhas de Cagancha e de Monte Caseros; politico e diplomata, seu nome triumphou com brilho de Entre-Rios a Pavon; homem de letras, tem seu nome perpetuado nas magnificas traducções do *Ruy Blaz* e da *Divina Comedia*, e nas bellas producções jornalisticas, nas historias de San Martin e de Belgrano e nas *Letras Americanas* e em inspirados versos dos quaes vos dou um exemplar na seguinte traducção que fiz do seu hymno triumphal intitulado *La Campana*:

O SINO

Profético metal, los ciudadanos
Que de agüero o comento son exentos
A tu voz bailaran por estes llanos
Entanto que tu voz o tus acentos
Oyon descoloridos los tiranos
i to attendem los reys macilentos.

(QUEVEDO.)

(Polimna — Musa II.)

O' Sino! de minha Patria
E's o symbolo da gloria,
O' arauto da victoria!
O' interprete da dor!
Tu és a tuba de bronze
Sobre os ares suspendida,
Que os fastos de nossa vida
Publicas com teu clamor.
Concretisas nossa historia.
A voz de alerta nos deste:
De porta em porta bateste
Com tua argentina voz;
A paz nos annunciaste
De verde oliveira ornado,
Ou em palma altiva enlaçado
A guerra cruenta e feroz.
Tu tens sido a grave orchestra
Dos fortes hymnos triumphaes,
E nos tristes funeraes
Melancolico pregão.
De tuas cordas suspenso
Um povo de audacia cheio

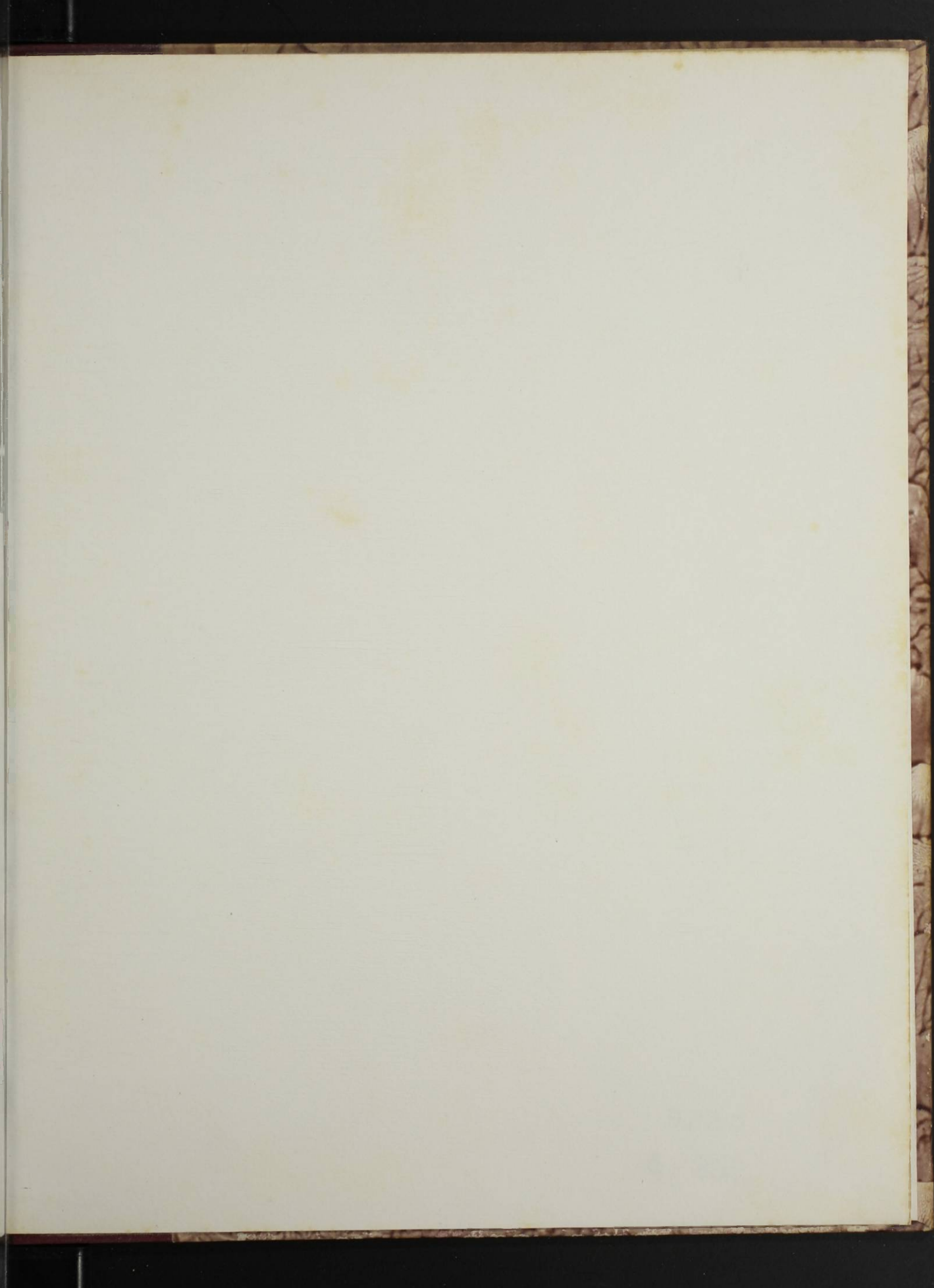
Já fez brotar de teu seio
A voz de revolução.
E teus echos dilatados
Em um mundo resoaram,
Quando em Maio elles saudaram
O aureo sol da redempção,
Cujo vivifico raio,
Como uma clava de ouro,
Te imprimiu o som canoro
Da estatua de Memnãõ.
Tens apregoadado cem vezes
Pelo mundo americano
As victorias de Belgrano,
De San Martin e Alvear;
E tens concitado os povos,
No meio da atroz matança,
E alentado sua esp'rança
A derrota ao publicar.

Nas nossas civis contendias,
A's facções escravizado,
Tristes sons tens arrancado
A' espada do vencedor;
E dominando o tumulto
Do povo desenfreado,
Ante o mundo has protestado
Com dolorido clamor.

E quando por um tyrano
O povo viu-se opprimido,
Articulaste um gemido
Em teu metalico arfar;
E de novo em tua torre
Soarás estrepitoso,
Quando vires victorioso
O azul pendão fluctuar!
Tu és a voz do destino
Que presides sempre ás horas,
Que com suas azas sonoras
Te ferem no coração;
E tu, seu vôo marcando,
Generoso em demasia,
Retribues em harmonia
Cada golpe que te dão.

(Fragmento de um discursc.)

A. F. de Paula Costa



CSSF

56843

